

O tímido animal teimoso e bom!  
E comparava os olhos do Profeta  
Com os olhos humildes do jumento.  
E comparava os olhos que avistavam  
A realidade angelica das cousas  
Com os que viam a ilusão satanica...

E outro Demonio, triste, descobriu  
Um Hôrto verde, em flôr; e recordou-se  
Do Calix que trouxera em suas mãos...  
Do Christo ajoelhado, e junto d'ele,  
A Sombra do seu Corpo batalhando  
Contra a divina Luz do seu Espirito...

E um outro viu no chão fragoso e duro,  
Profunda, larga fenda, mas antiga,  
Coberta de silvedos.

E com as negras, distendidas garras,  
Os Diabos alimpavam e afundaram  
Aquela antiga fenda.

E ali, na mesma noite, á luz da lua,  
Disposeram uma arvore viçosa,  
Cujos braços abertos, florescidos  
Tinham a forma mistica da Cruz.

Era a Cruz da Alegria e da Esperança,  
Onde estivera a Cruz do Sofrimento.

E veio ter com eles um estranho  
Phantasma de Jesus, tangendo flauta;  
E fazia dançar os arvoredos,  
E trazia na frente uma corôa  
De lirios e de rosas...

E todos os Demonios ajoelharam  
E adoraram, cantando, aquele Espectro  
Divino d'um futuro e novo Deus.

São o mesmo Phantasma as creaturas  
Que *ainda* ou *já* não vivem...  
Pois todo o Sêr vive entre duas Sombras  
Que indefinidamente se prolongam  
Ou para além do Berço ou do Sepulcro...

E os Demonios cantaram; e os seus cantos  
Subiram no luar e na alegria  
Do antigo *Adão* scismando ao lado de *Eva*...

E partiram, cantando novos himnos  
Que alumiavam de som a face pálida  
Do noturno, do esphingico silencio...

E outros desertos áridos passaram,  
Ou na embriaguês do sol, o doido amante  
Das Formas e das Côres, ou então  
No desmaio da noite que sómente  
Adora os vãos Phantasmas e os Espiritos...

E estes belos Demonios, n'outra noite,  
Estacaram, surprêsos, muito perto  
D'uma estranha e granitica Figura.

Tinha um corpo de leão firmando as patas  
Na areia movediça, como os seculos  
Que a contemplaram já... E o seu perfil  
Era o perfil d'um homem. E os seus olhos,  
Desgastados e abertos, projectavam-se,  
Mais ainda no Tempo que no Espaço.

E na sua retina empedernida,  
Chamuscada d'um fogo visionario,  
Um intimo olhar vago resplendia,  
Envolto em cinzas mortas...

Na sua pétrea face enevuada,  
Pairavam as imagens e as saudades  
De Estrelas, de Phantasmas e de Nuvens,

E dos sêres humanos que ficaram  
Insensíveis e mortos, sob o gêlo  
De seus olhos de pedra e de relampago.

Imagens de Visões e de Arvoredos,  
E das longinquas fontes reflectidas,  
Por milagre, no Azul, com suas ondas,  
Suas frescuras verdes de palmeiras,  
Vozes de agua e murmurios de neblina...

Imagens de Leões e Passarinhos;  
De antigas Nubelosas transformadas  
No sol, no luar e até na propria areia,  
Onde o Monstro pousava as largas patas.

E *Adão* interrogou a misteriosa,  
Granitica Figura. E aquele Vulto  
De pedra assim lhe disse:

«Meu corpo foi de carne; mas os olhos  
Abertos n'esta fronte que interroga,  
Olhando desde os seculos o mundo,  
Olhando desde os seculos o céu,  
Viram a Pedra apenas; e as fragosas  
Imagens que pousavam, a viver,  
Nas minhas duras palpebras acêsas,  
Fôram-se acumulando no meu peito,  
Fôram-me convertendo, pouco a pouco,  
N'este Monstro de pedra que tu vês!

«Meus olhos sempre abertos para a luz,  
Beberam sempre pedra,— tal a sêde  
De ver que os consumia! Mas, emfim,  
Conquistei a Presença, a Realidade.

«Sou a marmorea Forma impenetravel,  
Sou qualquer Cousa intensa que faz sombra...

«Ao passo que através dos vossos corpos,

Vejo brilhar a lua...»

E a *Pedra* riu na noite. E aquele riso  
Fez afastar de panico os Demonios.

Depois emudeceu. E a luz do luar  
Murmurava e sorria nos seus duros,  
Frios, cerrados labios que recordam  
Silencioso cárcere, onde vive  
A palavra do Enigma e do Misterio...

Cheios de espanto, os *Démos* continuaram  
A noturna viagem da Aventura.

Viram novos desertos, novas Cousas  
E novas Criaturas. E os seus olhos  
Embriagados de imagens, tinham vozes  
De luz; cantavam alto, entontecidos,  
O Céu e a Terra, as Lagrimas e o Sol...

E n'um belo sol-pôr desfeito em oiro,  
Chegaram a um saudoso litoral  
De areia, espuma e nevoa.

Batendo as fortes asas inspiradas,  
Voaram por sobre o mar, seguindo aquele  
Rumo primaveril das andorinhas...

E voavam sobre o mar... De vez em quando,  
Nas espumosas ondas, nas mais altas,  
Molhavam, com delicia, as negras asas.

E voavam sobre o mar, onde vagueia  
O Espectro de Neptuno, a Sombra da Agua,  
O Phantasma *que os ares escurece*...  
O qual foi, noutros tempos mais felizes,  
Um Deus perfeito e vivo, da Familia  
De Jupiter, de Venus e de Apolo.

E voaram sobre as ondas de Camões,  
Essas verdes, oceanicas estrófes,  
Rimando em velas brancas de Navios...

E voaram sobre o mar de seus Avós;  
Líquidas soledades, êrmos de agua,  
Os desertos da *nossa* Penitencia.

E voaram, e voaram... Já as gaiivotas,  
Assustadas perante aqueles pássaros  
Enormes, nunca vistos,  
Cortavam o ar em tôrva multidão,  
Como faróes, anunciando a terra.

E realmente, ao longe, na penumbra  
Brumosa, pareciam desenhar-se  
As configurações de escuros montes,  
Para além d'uma orla esbranquiçada,  
Indefinida e triste...

E um cheiro vivo e são de maresia,  
Vinha na asa do ar  
Ao encontro d'aquelas asas negras.

Sôpro de nova vida e novo alento,  
Reanimava os *Demonios*, quando, emfim,  
Lhes chegou aos ouvidos um sussurro  
De vãs, entrechocantes vozes líquidas;  
Monotono falar profundo e concavo  
Esfumado em rumôres espectraes  
De surdas trovoadas... Era a terra!

— O principio da terra que os *Demonios*,  
Voando, atravessaram, internando-se  
Na densa escuridão continental...

## XI

Depois que *Adão* subiu do fundo Abysmo  
Aos pinheiros da Terra,  
*Satan* ficou mais só no Imperio lúgubre,  
Onde, prêsas d'um beijo sempiterno,  
Vivem a Dôr e a Sombra.

Mas nos ultimos tempos augmentára  
O numero das *Almas* que chegavam  
Ao Portico infernal.

A Fome, a Peste, a Guerra; a Furia pálida,  
A Furia negra, a Furia côr de sangue,  
Percorriam o mundo; e, ao percorrê-lo,  
Sob os seus pés abriam-se em pégadas,  
As Covas e os Sepulcros.

Por isso, o negro Rei,  
Durante os seus ataques de indomavel  
Orgulho, imaginava a Creação  
Uma obra toda feita expressamente  
Para seu gôso apenas, nas celestes  
Officinas de Deus.

E fumando o seu tragico charuto  
Que ele acendia, rindo, quasi sempre,  
No fogo que por dentro rõe as *Almas*,  
Sentia esse inefavel e profundo  
Prazer da sua imensa potestade.

E de chicote rubro erguido a prumo  
Na regia mão direita,  
Gastava a eternidade do seu tempo  
A fustigar as *Sombras* e a ordenar  
Seu tremendo destino doloroso.

Ele amava o trabalho, como todos  
Aqueles grandes reis,  
Que fundam sua propria realêsa.

O túrbido desejo que rugia  
Nos antros do seu peito,  
Não lhe dava um instante de socêgo;  
Corria-lhe nas veias latejantes;  
Ia a todos os sitios do seu corpo,  
E mordia-lhe a alma; e, feito dôr,  
Em seus labios então desabrochava  
N'aquelle riso ironico, abrasado,  
Que era um raio subindo em direção  
Do Olimpo e das Estrelas.

Esse tórvo desejo era integrar  
No vasto Imperio lugubre do Mal,  
Os Imperios idilicos do Céu!

E por isso, esperava, todo inquieto,  
O Dia que lhe fôra prometido,  
Em que, de novo, iria combater  
As divinas Phalanges!

A *Cobra* imperial, que a sua fronte  
Cinge n'um meigo abraço,  
Segredava-lhe intrigas, afirmando  
Que o *Espirito da Sombra* e a sua Amante  
Andavam pelo mundo em devaneios  
Pecadôres, herecticos, contrarios  
Á sacra Lei diabolica!

Mas a affluencia tragica das *Almas*,

Enchendo as infernaes profundidades  
De gritos e clamôres, apagava  
As vozes da *Serpente*,  
Caindo moribundas nos ouvidos  
Surdos do antigo Archanjo.

Mas a Cobra que é o genio da Sciencia,  
E sabe tudo, tudo,  
Tinha um sorriso ironico e mordaz  
Que lhe acendia os labios mais a ponta  
Da sua lingua em fléxa.

A *Corôa* sorria com desdem  
Á testa coroada...

Era Satan essa obra mais perfeita  
Do Orgulho,—o denso orgulho que nos torna  
De pedra e de certêsa.

Acreditava apenas em si proprio;  
E era esta *crença* nitida, evidente;  
Mostrava-se e falava... E só por ela  
Tramou *Satan*, outrora, em pleno Olimpo,  
A conjura dos Anjos contra Deus.

Era o grande Orgulhoso, porque ele era  
O *Iludido*; e por isso, ele era o *Forte*,  
O Senhor soberano dos Infernos.

Mas, graças a este orgulho, os bons *Demonios*,  
Sonhavam, viajando pela Terra,  
A queda do seu Reino.

Só a *Cobra* ondeante e coleante,  
Que apenas vê as cousas que procuram  
Seus olhos; não aquilo que seus olhos  
Desejam encontrar; sómente a Cobra  
Sabia pôr a ponta da sua cauda,  
No golpe da Verdade.

E o dramatico César surdo e bronco  
E orgulhoso, vigiava o negro Portico  
Aberto em negra rocha, e com signaes  
De haver estremecido no momento  
Em que a Lira de Orféu, como um relampago,  
Rasgou a sombra livida do Tártaro.

E assim, algumas fendas se avistavam  
N'aquela velha rocha que era feita  
De empedernidas dôres, pétreas lagrimas,  
Soluços e ais gelados, sem idade,  
Mais antigos que o sol e do que o mundo,  
E que fôram talvez o primitivo  
Estado da plutonica Materia,  
A sua dolorosa Nebulosa...

E as *Victimas* da Guerra, Peste e Fome,  
Continuamente entravam na mais tôrva,  
Cahotica e revôlta multidão.  
Viam-se *Almas* doridas, transparentes,  
A' força de magrêsa e palidês,  
Com as dentadas ainda dos Vampiros...  
E outras *Almas*, chocando-se, violentas,  
Contra aquelas, na ancia e desespero  
De atravessar o portico infernal,  
Eram *Almas* pesadas e vermelhas,  
Quasi negras do subito, sanguíneo,  
Fatal derramamento...

E grunhiam, roncando, enquanto as outras  
Tentavam abafar na bocca lívida  
Com as mãos esqueleticas, só ossos,  
A sua funda tosse cavernosa.

Viam-se *Almas* imundas e cobertas  
De tumôres, e ainda tresandando,  
Queimadas pela febre.

Viam-se *Almas* curvadas, sob o pêso

Da dôr e do trabalho, tendo ainda  
Nas mãos de sombra as férreas picaretas...

Viam-se heroicas *Almas juvenis*,  
Cravejadas de balas;  
Outras nem tinham mesmo forma humana,  
Retalhadas, cortadas e amassadas  
Pelo furor das bombas explosivas!

Algumas, ainda erguiam no ar confuso,  
Chamuscados farrapos de bandeiras...  
Aquelas, delirantes, imitavam  
Os gritos dos Clarins tocando a carga!

Mas ai, em todas elas, bem se via,  
Através dos seus cantos de victoria,  
A mais profunda e tragica tristêsa:  
— A saudade da vida por viver...

E na piugada em sangue d'estas *Almas*,  
Vinham *Almas* de *Corpos* que ficaram  
Ainda vivos, ai d'eles, sobre o mundo!  
Eram *Almas* de Mães, de Irmãs, de Noivas...

E os *Demonios*, a rir, chicoteavam  
A tumultuosa Turba de Phantasmas,  
Correndo desvairada para os Lagos  
Do Fogo e do Martirio,

Emquanto sobre o mundo, os outros Démos  
Fieis a *Satanaz*,  
Espalhavam a Dôr e a Tentação,  
Penetravam em todas as choupanas  
E em todos os palacios;  
Nas vilas, nas cidades, nas aldeias.

Durante a luz diurna se escondiam  
Pelas covas e furnas e cavernas  
Das altas serranias.

Mas ao cair da noite, como bandos  
De morcêgos, enchiam o crepusculo  
De negros, largos e sinistros vôos...

E tomavam, então, que estranhas formas!  
Desde a forma do Touro á do Mosquito;  
Desde a do Lirio mistico e sagrado  
A' do *Quercus* de Jupiter.

Outras vezes, tornavam-se invisiveis,  
Penetrando, em silencio e de improviso,  
Nas Almas refractarias...

Porem, a maior parte se deixava  
Seduzir ao primeiro lindo gesto  
Da Tentação Diabolica.

E por isso, os *Demonios* era raro  
Perderem a apparencia... Preferiam  
As retoricas formas, os vistosos,  
Esplendidos aspectos  
D'um Cavallo a galope ou Touro bravo,  
Ou Carneiro cioso, esse irmão gémeo  
Do Gálo dos Franceses.

O *plutonico* *Chefe* quasi sempre  
Fingia de Carneiro, por vaidade,  
Para mostrar a força que conquista,  
Para esconder tambem na escura lâ  
Os seus horríveis olhos farejantes.

E á voz do seu comando, aquele imenso,  
Tartarico Vespeiro,  
Enchia de zumbidos tentadôres  
Toda a face da Terra.

E nos fundos ribeiros, ou em bandos  
Alados, com as Bruxas a dançar,  
Celebravam as Festas do Sabbat.

E tinham sitios êrmos escolhidos  
Para a Orgia noturna,  
Porque toda a paisagem, por mais bela,  
Tem seus negros recantos demoniacos,  
Seus êrmos bócios fundos, onde á noite  
O Vento, *alma* penada, chora e geme;  
Os seus planaltos tristes, solitarios,  
Onde, ao luar, se cruzam dois caminhos;  
Os seus rios, á noite, com açudes  
Cheios de ignotas vozes de além-mundo...

Eis os sitios eleitos dos Demonios,  
Dos Idilios satanicos, das Bôdas  
E dos Bailados lugubres das Sombras...  
E que os pobres noturnos viandantes  
Não atravessam nunca, sem que sintam  
Subir-lhe a palidês á flôr do rosto.

E os maleficos *Démos*, surpreendendo  
A Noite no seu gesto creador  
De Aparições, Phantasmas e Visões,  
Obrigavam a Noite a que escondesse,  
Debaixo da sua asa imensa e negra,  
O Crime fugitivo, o Amor culpôso.

E vestindo phantasticos aspectos  
Empeciam ás pobres Creaturas  
Tão incertas e frageis sobre a Terra!

—Á Donzela no branco santuario  
Virgem da sua alcova recatada,  
Onde o proprio luar só entra a mêdo...

Ao Sonhador em todos os instantes  
Em que ele cáe da sua Inspiração,  
E se torna igual aos outros homens.

Ao Guerreiro na hora em que ele sente  
Sofrear-lhe o arrôjo heroico a mão cobarde

D'esse *baixo animal* que vive em nós  
E que ama, em nós, a vida.

Ao Padre na presença do seu Deus...

A tudo quanto vive!  
Ao Rouxinol na lirica embriaguês;  
Á Arvore toda em flôr  
Na voluptuosidade, no perfume  
Primaveril de Maio.

Á Rosa ainda em botão, e ao Passarinho  
Na trémula incertêsa do seu vôo...

Ao proprio Leão á entrada do seu antro;  
Á Estrela, em seu delirio, que se apaga;  
Á Fonte que se turva; á Nuvem clara  
Que entenebrece e chora...

Assim o Diabo empece ás Creaturas,  
Destruindo a benefica influencia  
Que possa, acaso, n'elas exercer  
O Anjo bom da guarda.

E esta lucta é cruel entre os dois Anjos!  
Ás vezes, tão renhida e tão acêsa,  
Que o pobre sêr humano,  
No momento ideal, determinante  
Dos seus actos, avista, em tórno a si,  
Violentas sombras de asas que se chocam.

## XII

E mal *Adão* e *Eva* atravessaram  
A marítima costa,  
Desceram sobre a terra amortalhada  
Em sombra e esquecimento.

Amantes da Paisagem preferiram  
Andar a pé durante algumas horas.

E realmente, quando a luz da Lua,  
A eterna companheira dos Demonios,  
Dos Doidos e Phantasmas,  
Iluminou de encanto a escura noite,  
Uma Paisagem doce apareceu,  
Toda feita de idilios em verdura  
Marginando elegias de aguas mórtas...

Lagôas reflectindo o ceu azul,  
Serenamente, em extase...  
Serena, amavelmente reflectindo  
Os altos, finos vultos rendilhados  
Dos palidos salgueiros;  
Tão palidos e tristes e saudosos,  
Como se houvessem visto sobre as aguas  
Boiar Ofelia morta e o seu Canto.

E as lagôas extaticas lembravam  
Religiosos olhos comungando  
A divina Aparencia, a Realidade

Espiritual das Cousas...

Pontos de luz, ao longe, scintilantes,  
Marcavam na penumbra, a fogo vivo,  
A Presença do Homem.

E os liricos Demonios dirigiam-se  
Através da Paisagem, quando um vulto  
Sósinho, se abeirou das suas sombras...

—Eis um homem! disse *Eva* curiosa  
De vêr assim, depois de tantos seculos,  
Em corpo vivo e espirito animado,  
Alguem da sua tragica Familia.

No Tártaro profundo só *Phantasmas*  
E *Sombras* encontrára.  
Por isso, olhava, atenta, n'um espanto,  
A misteriosa Máscara, a Figura  
Esphingica do homem... A Presença  
Material, que esconde o sêr presente.

A lua, já mais alta, retocava  
Piedosamente as Formas diluidas  
E as Côres desbotadas pela Noite...  
E os salgueiros olhavam sobre as aguas,  
Sua imagem tão nitida e perfeita,  
Como seus verdes corpos vegetaes...

E o Demonio mais novo, aproximando-se  
Do homem, perguntou-lhe quem ele era?

E o homem, conhecendo-o:

«Se és Demonio, tu sabes quem eu sou;  
Para vós, meus amigos, com certeza,  
A creatura humana é transparente...»

E o Demonio lhe disse: «Adivinhaste!

Tu és, eu sei, o *homem da balança*;  
Vejo-a nas tuas mãos!

«Esperamos também o grande Dia  
Da *Sagrada Balança* que tem olhos  
E tudo avista e abarca!

«Nós somos os Demonios revoltados  
Contra o reinado triste de Satan...  
Estas malditas asas que tu vês,  
Uma anciedade angelica as sustenta;  
Nasceram para voar, para subir...  
Repára: estão crestadas de tocar  
No fogo das estrelas...

E outro Demo lhe disse: «Queres tu,  
Acaso, acompanhar-nos? Ficarás  
Um Demonio com asas, como nós?»

E o homem nem falou:  
De subito, vestido de asas negras,  
Os Diabos o envolveram, e fugiram  
Com ele pelo espaço.

E, convertido em Anjo e arrebatado  
Como á flôr d'um etéreo turbilhão,  
Tal era o seu espanto que não via,  
Distante do seu corpo, o mundo escuro,  
E, cêrca de seus olhos, brancas nuvens,  
E julgava sonhar estranho sonho!

Mas quem visse de perto o seu perfil  
Entre os perfis acêsos dos Demonios,  
Conheceria logo o sêr humano...

Pois n'uma Criatura ha qualquer cousa  
De eterno, de perpetuo e inconfundivel...  
Qualquer cousa que imprime fortemente  
Suas dedádas nitidas no olhar,

Na voz, no gesto e até no pensamento;  
— Qualquer cousa que vive além de nós  
E nos assignalou; é qualquer cousa  
Que é na obra de arte o espirito do Artista.

N'este *signal* existe a estranha origem  
Do amor, da antipatia, e constitue  
Talvez esse elemento essencial,  
Primordial do Sêr.

E no seu vôo noturno atravessaram  
Um rio, onde Diana,  
Banhava a divindade fria e branca  
Do seu corpo de neve.

Este rio perdera-se uma vez  
Do caminho que o leva para o mar;  
E desaguou então no proprio espirito  
Do Demonio scismatico...

E em seguida passaram altos cêrros  
De montanhas; e as pontas das suas asas  
Roçavam pelas critas fragarosas,  
Como durante a oceanica viagem  
Nas espumas das ondas...

Depois, debaixo de seus negros corpos,  
Cavavam-se em abysmos, os profundos  
Vales misteriosos... Despenhadas  
E sussurrantes aguas de cascatas,  
(Boccas de prata, á luz do luar, falando)  
Exalavam, no espaço, a sua alma,  
N'um ai de puro alivio, que subia  
Ao encontro das asas diabolicas;  
E tentava impeli-las para os astros  
Com brancas mãos de nevoa...

E outro rio passaram, que era amado  
Pelo Demonio triste e macambusio...

E os *Demonios* perderam, por instantes,  
A visão da Paisagem. E voaram  
Através d'esse Rio que a Presença  
Do Poeta fez em Nuvem.

As montanhas e os rios d'este mundo  
Tinham para os *Demonios* outro nome;  
Porque as Cousas e os Sêres não revelam  
A todas as Criaturas  
A mesma simpatia... o mesmo aspecto.  
E assim, dos dois aspectos que eles mostram,  
Evolam-se *dois nomes*, dois signaes:  
Um pertence ao ouvido escravo e morto,  
Artificial e humano;  
Pertence o outro ao ouvido iluminado  
E livre e demoniaco!

O nome d'uma cousa é emanção  
Da propria cousa, sim, que nos transmite  
Seu ignoto *signal*... Melhor ainda:  
O *nome* é a propria cousa  
Miraculosamente transfundida  
Para o cristal sonóro d'uma imagem...

Por isso, quando um *nome* sobe a uns labios,  
Chega junto de nós, como em segredo,  
Invisível espirito vivente...

*Nomear* uma cousa é despertá-la...  
E' tocar n'um Espirito que dorme...  
Tentar a propria Esphinge em seu silencio...

E os homens falam, falam, sem saber  
As vidas ou as mortes que semeiam...

Ha palavras que matam, e palavras  
Creadôras de mundos e de vidas.

Mas, por fim, os *Demonios*, já cansados

De violar com as asas o Infinito,  
Pousaram sobre os cumes d'uma serra  
Que se eleva no céu, qual êrma fronte  
Scismatica do mundo.

*Adão*, durante o vôo á luz da lua,  
Vira, frequentes vezes, n'este vale,  
N'esta planicie, além, n'aquêle outeiro,  
Intimos parentescos, semelhanças  
Com a antiga Paisagem da Inocencia...  
Como se acaso Deus, horas depois  
Do primeiro peccado e do primeiro  
Castigo impiedoso,  
Tomásse em suas mãos arrependidas,  
O proprio Paraizo e o fracionasse,  
Semeando os seus destroços pela terra,  
Para que os outros homens do Futuro,  
E sempre e em qualquer parte, assim tivessem  
Uma visão, embora decepada,  
Do Eden feliz!

O sagrado logar da sua Infancia  
Acompanhava-o sempre, ia com ele,  
Preso das suas asas, ou melhor,  
No cárcere infinito dos seus olhos...

E Adão na milagrosa renascença,  
Na virgem primavera espiritual,  
Sentia o claro Sol da Edade de Ouro  
Dominar o seu intimo crepusculo...

A sua quêda tragica de Outrora  
Ia-se transformando em ascenção...

E evocava o Phantasma de Caím;  
A Paísagem edenica ao luar,  
O sol doirando as rochas do Thabor,  
O espirito do mundo que beijára  
A face interior do seu espirito;

E sobretudo os olhos de Eva, os olhos  
No momento divino em que eles criam  
A lagrima que tomba simplesmente  
Para erguer ás estrelas os que choram.

E via a noite escura do seu Crime,  
Por um intimo sol já consumida...

O scenario da Dôr e da Paisagem  
Davam-lhe nova tempera vital,  
Um novo coração e um novo amor.

E para além das sombras infernaes,  
Viam, enfim, seus olhos despontar  
O novo sol do novo Paraizo.

O *Espirito da Sombra* amanhecia,  
E era já luz humana sobre o mundo.

E n'estes pensamentos embebido,  
Scismava ao lado de *Eva*, sobre as fragas,  
A uma certa distancia dos Demonios  
Que falavam, tomados d'esse encanto  
Que dimana das cousas que nos cercam,  
Do que ha n'elas de espirito sagrado;  
E não das suas mortas *apparencias*  
Que lembram frias mascáras cobrindo  
Um vago rosto ausente...

— Como é bela a Montanha! Como é bela!  
Ainda parece a Espinge!...

— Tem as mãos apoiadas no Levante,  
A' espera que o sol nasça...

— Para o tomar nas garras!  
E para o devorar... doirado pômo!

— Olhae a sua cauda que se alonga

Na direção do Poente...

—E' com ela que o Monstro  
Varre as teias de aranha do Crepusculo...  
Nuvens, poeiras mortas d'um Olimpo  
Desabitado ha muito...

—Diabolica ironia!

—Esta Montanha que é? — Seriedade.  
Mas se um homem ou mesmo se um demonio  
Sobre ela põe os pés,  
Fóge a *Seriedade*, e surge logo,  
Surge a *Caricatura*...

—E' a Arte siamêsa...

—Foi um gorila, sim, que a descobriu:  
O velho Avô lanzudo...

—Na Seriedade universal vagueia  
Um riso, um verme roedôr... a *alma!*

—O homem é anormal na Creação...  
E' uma caricatura... esbôço informe  
D'uma Cousa, d'um Sêr que bem se vê  
Que poderia vir a ser Belêsa...

—Mas é a caricatura que provoca  
As risadas crueis de Satanaz  
E os sorrisos dos Deuses!

—A Belêsa possivel... a Belêsa  
Irrealisada e morta—que é o homem!...

—E o que fóra do homem ha de humano!

—E' o Sêr indefinido, a Creatura  
Esparsa pelas cousas...

Jamais se concentrou na original,  
Harmoniosa Forma...

— Que efeito causarão as nossas asas,  
Sobre estes altos pincaros, tremendo?...

— E' o efeito d'um riso sobre uns labios  
Eternamente tristes...

— O Riso ri n'uns labios, como nós  
Falamos n'estes montes.

— Amo a tristêsa cósmica e profunda  
Dos denegridos cumes... a tristêsa  
Das cousas que se elevam, mas n'um vôo  
Extatico de pedra!

— A tristêsa do Tempo e da Distancia...  
A alegria longinqua...

— Sim... a Montanha é um mar  
Que para traz olhou, para o misterio...  
Para o logar vedado e prohibido,  
D'onde vinham correndo as suas ondas...

— E ficou transformado n'uma estatua!

— O Mar das ondas vivas  
E' sempre obediente á voz que o manda;  
E por isso se eleva do seu dôrso  
A nevoa, para o ceu, direita e branca,  
Como o fumo de Abel.

— Mas a nevoa das altas serranias  
Não sobe; é bronzea e densa;  
Rasteja e pesa sobre os negros pincaros,  
Afflictos e abafados...

— Silencio... anda o Luar ao pé de nós.

— A agua é lingua de mulher... a agua...

— Falam as Fontes... Mas quem fala n'elas  
E' a sêde que nós temos...

— Não vês? Repara: a Noite para ouvir  
Fita as orelhas palidas de sombra...

— A Noite ouve as estrelas e ouve as almas...

— A Noite é o grande, o vago, o esparso ouvido  
De Deus... Falae baixinho... a Noite escuta...

— Mas os Demonios falam como as fontes,  
E saciam a sêde de peccar...

Estas fráses, cortadas pelo Vento,  
Da animada conversa dos Demonios,  
Chegavam mesmo ao pé dos dois Amantes...

Vinham na onda do Vento fluctuando,  
Como flócos de espuma, aquelas vozes...

### XIII

Incidia o luar sobre a Montanha,  
Caindo a prumo, da lua no zenith.

O luar é como a escada de Jacob;  
Sobem por ele ao Céu, por ele descem  
Os sonhos das Criaturas que são Anjos.

E alto e vago cordão indefinido  
De luminosas asas esvoaçantes  
Prendia o claro céu á terra escura...

*Eva e Adão* sonhavam sobre as fragas  
Embrandecidas quasi, enternecidas  
Do *contacto* do sonho, porque o sonho,  
Que é—Transcendencia, e a pedra,—Brutidade,  
São dois extremos; tocam-se em delirio!

No silencio da noite, os dois Amantes,  
Em silencio falavam com a terra,  
Com o Céu, com os Anjos que o povôam;  
Falavam com as Cousas, comungavam  
O espirito divino esparso em tudo,  
E em tudo revelado pelo amor  
Profundo, renascente, espiritual,  
Que os ligava, prendendo as suas almas  
A' pedra e á flôr, ás lagrimas e á luz:  
—Ao novo Sentimento, á nova Fé,  
A' nova Religião que se adivinha

N'este novo sentido que alvorece  
No mais escuro e fundo de nós próprios,  
E já começa a ver e a conhecer...

E o sonho que sonhavam, qual neblina,  
Diluía os seus corpos no Infinito;  
E lembravam, por isso, dois Phantasmas...

Mas, de repente, ouviram no ar confuso,  
Imperceptível ruído a que o silêncio  
Dava relevo e forma... E, despertados,  
Avistaram então a mais formosa  
Figura de mulher que vinha além,  
N'um doce passo etéreo  
De Nevoa em forma humana caminhando...

Via-se que era mais uma Aparência  
Divina do que humana Realidade.

E logo Adão e Eva e os Companheiros  
Correram, animados, ao encontro  
D'aquela doce Imagem caminhante.

Os *Demonios* julgavam descobrir  
Algum Anjo de Deus vencido e triste,  
Que andasse a lastimar o seu desgosto  
Na solidão da serra, porque as Lagrimas  
Amam, como Jesus, a Solidão.

E quando eles chegaram junto d'ela,  
Um profundo alvoroço encapelou  
Suas profundas almas! tal a estranha  
E mágica belêsa que a Figura  
Espalhava na terra e nos *Demonios*,  
E nas fragas e até no ceu azul,  
Porque ela parecia olhar e andar  
Sobre tudo o que existe...  
Como se as cousas todas, desde a lua  
A' terra, ao sonho humano, á nevoa clara,

Estivessem debaixo de seus pés...

Dir-se-ia que ela vinha caminhando,  
Não através dos montes, mas do proprio  
Espirito dos Démos.

Por fim lhe disse Adão, em voz humilde:

«Eu sou o primeiro homem fugitivo  
Das trevas infernaes. Ante os meus olhos  
Tem passado o phantastico cortejo  
Da minha descendencia...

«Quanta belêsa eterna tem passado  
Ao alcance da minha sombra! Quantos  
Olhos que a luz divina alumiaava,  
Em meus olhos satanicos pousaram!  
E ainda não vi Figura como a tua!  
Comtigo nem os Anjos se parecem...  
Ah, quem és tu? Quem és?»

E então a doce Imagem solitaria:

«Não te lembras da noite em que tu fôste,  
Visitar os Logares consagrados  
Pela *Lembrança do Homem?*

«Dirigi os teus passos, n'essa noite...  
Foi n'uma terra estranha, bem distante...  
Mas eu agora estou na minha terra;  
E quando chego aqui, eu julgo mesmo  
Que este meu Sêr revive. Sinto-me outra!  
Portanto, é natural que vos pareça  
Uma outra creatura...

«Ah, sempre que abandono a minha casa,  
Não sou mais que uma sombra; mas aqui,  
N'esta bemdita serra, n'este ar vivo,  
Todo o meu corpo sente que se eleva

E firma sobre a propria realidade.»

Os *Demonios*, imoveis, em silencio,  
Olhavam, contemplavam...

E o velho Adão, suspenso e comovido;

«Tu és a Divindade da minh'alma!  
A pura Virgem Mãe da nova Fé!

«Por ti, meu sêr humano reviveu  
No proprio negro seio fragaroso  
Da minha naturêsa diabolica.

«Por ti, em ti, renasço para a nova  
Vida humana; por ti, revivo, e sou  
Na antiga *Creatura* o novo *Amôr!*

«Por ti e em ti, me lembro do que fui,  
Isto é, do que hei de ser... Por ti, alcanço  
O sonho de que sou a realidade...  
O Sonho Creador ou antes Deus;  
O Deus que tu revelas, que em teu ventre  
Tomou a Forma e o Corpo.

«És a Virgem ideal da Renascença;  
Da Renascença edenica e profunda;  
Da Renascença universal do Sér  
Que em ti regressa á Forma primitiva,  
Harmoniosa e sã, para crear  
O novo amor divino que já nasce,  
Que já alumia, embora vagamente,  
Os contornos ideaes d'um novo mundo...»

E a mistica Figura:

«Por mim tambem os Mortos quebrarão  
A tampa do sepulcro, e á luz da Vida  
Hão-de surgir de novo.

Serei o Anjo imenso da Trombeta:  
Vêr-me-ás no grande Dia!

«E seguirás a sombra do meu Vulto;  
Seguirás os meus passos... E depois  
Tudo, emfim, passará... Passará tudo;  
E eu ficarei sósinha...

Eu era antes do Ser.  
No primeiro momento da Creação,  
A obra de Deus estava á minha frente;  
Agora vejo-a sempre atrás de mim...

«Durante os meus passeios,  
Eu vou desde o Passado mais remoto  
Ao Futuro mais vago e mais longinquo.  
Tomo, ás vezes, dois nomes: um é claro,  
O outro, sombrio e triste...  
Mas tenho uma só alma e um só corpo.

«Espero, sim, a nova Creação;  
Desejo olhar, de novo, para a frente.»

E *Eva*, que era a mulher que renascia  
E via, como *Adão*, as Criaturas  
D'esse divino Reino Espiritual;  
E alevantava os olhos deslumbrados  
Áquele belo mundo superior  
Que gira em derredor da nossa vida,  
Como terra ideal, feita de luz,  
Em derredor d'um sol feito de sombra;  
— *Eva*, n'um alvoroço, contemplava  
A sagrada Figura da Saudade...

E lembrou-se que a vira, certa noite,  
Sonhando... E recordou-se que ela tinha,  
Quando presente e viva no seu sonho,  
O mesmo gesto ideal que resuscita,  
E nos olhos profundos, esse olhar

De Nubelosa etérea, — a Mãe dos Dôres,  
Dos Astros e das Lagrimas... /a

Como lembrança mística, um *Demonio*  
Trouxera um ramo da arvore que plantou  
N'aquela antigo cêrro do Calvario...  
E logo o offereceu á doce *Imagem*  
Que, tomando-o nas mãos, assim lhe disse:

«Por estas cinco folhas reconheço  
A árvore que as criou; da mesma forma,  
Se reconhece pelas Cinco Chagas  
Esse divino Corpo doloroso  
Que escolheu para Noiva, a Dôr Eterna!

«Mas a sombra d'esta Arvore ha de ser  
O véu que a verde Terra vestirá  
Nas Bôdas Celestiaes...

«Sua Flôr ha de ser o novo Fructo:  
Um fructo doce, eterno e não prohibido...»

A estas palavras, *Eva*,  
Lembrando o seu peccado original,  
Quiz inclinar a face para o chão,  
Onde o riso da lua humedecia  
A bravêsa das urzes e a gretada,  
Fossilisada pel' dos fragaredos...

E um silencio reprêso como as aguas  
N'um açude, affligia a Mãe dos homens,  
A Avó de Dom Quixote e de Jesus.

Aquela Tentação do Prohibido,  
Que é o sangue, a intima essencia da Creatura  
Humana — a Creatura que se lembra...  
— A Tentação do Prohibido, o fogo  
Que deu estranha tèmpera vital  
Ao barro de que é feito o Sêr Humano,

Fugira-lhe dos olhos arrastando  
Comsigo a luz e o sonho...

E a mística Figura assim cortou  
O reprêso silencio da Mulher:

«Mas sobre a nova Terra hade surgir  
A nova Tentação...»

E como *Eva* ia ouvindo, e nos seus olhos  
Desabrochava um grande espanto azul,  
Disse-lhe ainda a Imagem:

«Sou a *Esperança*, isto é, sou a *Saudade*.  
A Esperança é saudade do Futuro;  
A Saudade é esperança no Passado...

«Comigo voltareis á nova Infancia,  
E nova Infancia é nova Tentação...»

E entregando aos *Demonios* misteriosa  
Semente, assim lhes disse, n'uma voz  
Fecunda como a luz, o vento e a chuva:

«Semeae, semeae a Terra!...»

Além d'estas palavras, o Luar  
Estava á espera d'Ela...

E o Luar e a Saudade se afastaram.

E aquele estranho, escuro Bando alado  
Novamente sulcou a sombra etérea  
E noturna do ar...

Bateu, bateu as asas sobre as pedras  
Das elevadas cristas derradeiras,  
Que são negras espumas fragarosas  
D'essa onda imensa e morta que é a Montanha:

Assim das verdes ondas marulhantes,  
Da propria florescencia das espumas,  
Batem as asas brancas as gaivotas.

E o vulto da Montanha se occultou  
Como a doce Figura da Saudade,  
No seio voluptuoso da Distancia...

A uma grande fundura,  
Debaixo dos Demonios voadôres,  
Espraiam-se angelicas campinas  
Imaterialisadas, embebidas  
Na chimera da sombra...

De longe a longe, brancas fitas de agua  
Serpeavam, fumegando levemente  
E lithurgicamente, como longos  
Thuribulos acêsos.

E dos flancos dos vales,  
Manavam, em cascatas sussurrantes,  
Ondas de argenteo sangue cristalino...

E de todas as partes ascendiam  
Fumos espirituaes, emanações  
Alvissimas de sonho...  
Anciedades batendo as asas vivas,  
Chimeras esvoaçando;  
Desejos a sangrar, de olhos acêsos,  
Pairando; e de alto, farejando a prêsa!  
Vôos infinitos, multidões de vôos!  
A paisagem aberta em asa imensa...  
Asas sem fim abrindo-lhes caminho  
A's mais potentes asas demonicas...

E *Adão* e a sua *Eva*, penetravam-se  
D'este secreto encanto que subia  
Da terra da Saudade.

Todos os outros céus que percorrêram,  
Eram vagos desertos azulados  
Ao lado d'este Céu...

As outras Serranias eram pobres  
Humildes, de pedir,  
Junto d'esta Montanha dos Espiritos!

Arvores de outros paizes,  
Eram inanimadas, insensíveis,  
Como essas pobres árvores mesquinhas,  
Desvegetalisadas, sociaes,  
Dentro da Lei, ao longo dos jardins,  
Ao pé d'estes frondosos arvorêdos  
Espontaneos, incultos, luminosos  
De Aparições divinas...

Rios e montes, nuvens e florestas  
N'esta super Paisagem, tinham novo  
Sentido e vida nova.

E os Demonios voando, na vertigem  
Voluptuosa, estranha das Alturas,  
Deixaram para além das suas asas,  
A misteriosa terra espiritual,  
A Mãe de Divindades; e, por isso,  
Essa madrasta de homens...

## XIV

E voando, voando, atravessaram  
Indefinidas terras apagadas  
Na noite e na distancia...

Das suas finas garras amorosas  
Caía sobre as *Almas* a semente  
Que lhes dera a *Saudade*, na Montanha;

— Emquanto os maus Demonios dirigidos  
Pelo *Chefe plutonico dos Olhos*,  
Fieis a Satanaz,  
Semeavam o Mal com alegria,  
Na esperança da proxima colheita...  
E visionavam já  
As campinas da Terra verdejantes,  
A imensa seára tragica e maldita  
Que os imensos celeiros infernaes  
Anciosamente esperam.

E a semente divina e a demoniaca  
Iam caindo assim na mesma leiva...  
Irmãmente suas hastes se abraçavam;  
Suas flôres trocavam seus perfumes;  
E as sombras de seus corpos confundiam-se,  
Nupciando na terra...

Os bons e os maus Demonios tentadôres,  
Semeando a mesma terra... as mesmas almas,

Provocavam a mais contradictoria,  
Exotica e bizarra  
Florescencia de plantas venenosas,  
De benéficas plantas,  
Tôrva e confusamente emaranhando-se,  
E a distancia mostrando o mesmo aspecto  
Sélvatico, sombrio, impenetravel.

Os revoltados Démos infieis,  
Abandonando a terra occidental,  
O Paiz do Crepusculo, onde novas  
Estrelas desabrocham em segredo,  
Vigiavam o espaço a percorrer,  
Para evitar assim um mau encontro  
Com os outros Demonios...  
Que eram Demonios tôlos, *vistas curtas*,  
E viam pelos olhos do visinho;  
E sómente voavam com as asas  
D'um pobre Diabo imenso  
E bruto que se chama o *Maior Numero*.

*Adão*, com esse fim,  
Mandou voar á frente, em sentinela,  
O belo Démo ruivo que sondava  
Os seios do Infinito.  
E n'um grande alvoroço de alegria,  
Sulcava as fluidas ondas das Alturas  
Abrindo-se á passagem do seu corpo.

Ora, voava contra o Vento e as Nuvens;  
Ora, n'um céu pacifico e translúcido,  
As asas estendia docemente...

E então voava assim como quem sonha  
Ou como branca nevoa á luz da lua...  
E voava e voava em pleno Céu,  
A igual distancia do astro e da choupana.

Era um Navio á vela dominando

E vencendo as Distancias, combatendo  
Negras Aparições de temporaes,  
Pela alegria apenas de vencer,  
Pela alegria inedita e suprema,  
De voar, de sentir-se irmão do Vento,  
Das Aguias e das Nuvens.

Porisso, os outros liricos Demonios  
Voavam n'um vôo sereno, sem cuidados,  
Egual a um sômnio bom sem pesadêlos...

E voavam sobre as altas cordilheiras  
E sobre os altos pincaros agudos,  
Espiritualizados e libertos  
Da mais leve terrena escuridade.

As montanhas nas grandes altitudes,  
Na visinhança límpida dos astros,  
Perdem as negras formas pedregosas,  
Perdem seu proprio corpo rude e tôsko,  
E são asas geladas de brancura,  
E são rezas, são extasis subindo...

E voavam sobre os lagos e as florestas,  
Através dos perfumes e das nuvens,  
De tudo quanto é asa e não rasteja...

E voavam tambem sobre as cidades  
Que lembram, vistas de alto, rubras chagas  
Roendo a verde epiderme em flôr da terra!

O céu, por cima d'elas, é mais denso,  
Mais tôrvo de paixões, amargo e triste,  
Salgado e encapelado como as ondas.

E em vêz de cantos de aves e de nuvens,  
Pairam ali os Gritos e os Soluços;  
As Ambições reprêsas, a explodir;  
Os Odios de pupilas incendidas;

O Amôr maguado e escuro, com as asas  
Salpicadas de lama e de tristêsa;  
O mudo Desespero devorando  
Suas proprias entranhas, sem um ai!  
As Vaidades matando as suas sêdes  
Em miragens de fontes illusorias;  
As Discordias em bandos revoltosos,  
Desprendendo no ar o seu cabelo  
De contorcidas cobras sibilantes;  
As Maguas, como Sombras, adejando;  
As Febres, os Delirios, as Loucuras;  
Esses Monstros creados nas cavernas  
Espirituaes, profundas da alma humana:  
—Esse mundo que, ás vezes, a Alegria  
Reveste d'uma lúcida atmosfêra,  
D'um brando véu de luz primaveril.

E voavam sobre os Rios celebrados...  
Outrora fôram Deuses, e hoje são  
As bemfazejas aguas que guardaram  
A sua primitiva Divindade,  
Não corporea e visivel como d'antes,  
Mas transcendente e occulta em nevoa eterna.

E voavam sobre as terras mais antigas,  
E os logares saudosos, onde se erguem  
Os imperfeitos gestos das ruinas,  
Suas gastas, truncadas atitudes...  
A tristêsa das cousas que perderam  
O harmonioso aspecto, o definido  
Perfil que o Sol beijava;  
A tristêsa das Cousas, sob os pés  
Do furioso Tempo,—esse Phantasma...

E viram entre as classicas ruinas,  
Através do luar, a velha Lenda  
Arrastando sua tunica de sonho,  
Levada pelos zéfiros da noite...

E vagueava, errante, semeando  
Os desertos de flôres; e vestindo  
De jasmims e de cravos e de rosas  
Colunatas partidas, arcarias  
Sobre a queda eminente debruçadas;  
As fendidas abóbadas, as grimpas  
Roidas até aos ossos de granito;  
Capiteis e columnas branquejantes  
Entre as ortigas bravas e os silvêdos;  
Decepadas e tragicas estatuas  
Que o musgo abraça e beija, n'um desejo  
De chamar, outra vez, á luz da vida  
A Belêsa já morta e no seu tumulto...

E n'estes velhos mármores, a Lenda  
Semeava lirios, rosas, todo o encanto  
Da sua propria vida que é o espirito  
Humano, com amor, reconstruindo  
As Cousas arruinadas e desfeitas.

E voaram sobre os vales e as choupanas,  
D'onde o fumo se eleva ao cair da tarde,  
E que lembram Poetas a sonhar...

E os noturnos viandantes, com espanto,  
Erguiam os seus olhos para aquela  
Extensa e negra nuvem feita de asas,  
Sobresaltando a noite e o seu silencio...  
E palidos, tremendo, murmuravam  
Palavras e bemziam-se...  
Mas os que eram filosofos ou sabios,  
Diziam, continuando o seu caminho:  
—Que formas caprichosas têm as nuvens...

Porém, n'uma outra noite de luar,  
Adão, a sua Amante e os Companheiros,  
Viram que a bôa terra começava,  
De novo, a levantar-se deante d'eles,  
Em ondas cada vez mais alterosas...

E pareciam vir ao seu encontro;  
Como se fôsse a terra um mar pacifico,  
Um mar profundamente adormecido,  
De repente, acordando; e já refeito  
Das fôrças que perdêra, e, n'um delirio,  
Se tornasse revôlto e furioso,  
Rolando e erguendo as ondas para os astros.

E logo, pela altura a que voavam,  
Viram que, dentro em breve, tocariam  
A terra com as asas.

E o derradeiro *Diabo*, mal treinado  
Nas viagens aéreas,  
Cravava anciosos olhos no mais proximo,  
Terrestre ancoradouro.  
Sentia-se cansado de voar,  
E da forte impressão que lhe causou  
A primeira subida para as Nuvens!

Jamais olvidaria aquelle instante  
Em que seus pés perderam o contacto  
Do mundo que escravisa... E imaginava  
Um tal momento apenas comparavel  
Ao momento da vida derradeiro!

E sentia, de subito, o seu corpo  
Desmaterialisar-se novamente...  
E esse impeto nascido d'ele proprio  
Que o arrebatára em direção dos astros!

E repetia esse *ai!* de imenso alivio,  
A uma altura já grande d'este mundo...  
E repetia esse *ai* para esquecer  
O pálido afrouxar das suas asas...

E lembraria sempre,  
Esse instante em que sua naturêsa  
Escrava, humana e misera, subiu

Á naturêsa livre e diabolica!

E n'esse mesmo sitio recolhido,  
Intimo, em que guardava esta *lembrança*,  
Outra dôce lembrança ali vivia:  
— A da verde paisagem de aguas mortas;  
Salgueiros em idilio com as vélas  
Que vão passando, brancas, entre as árvores...  
Barcos erguendo a esguia e negra prôa  
Acima da erva tenra da planicie  
Diluida em meigos longes de verdura...

Paisagem de maneiras femininas,  
Abraçada e beijada pelo mar...

Eis as duas lembranças que ficaram  
Casadas, a viver a mesma vida,  
Dentro do mesmo lar, no seu espirito...  
E são a fresca fonte de alegria,  
Onde ele mata a sêde nos momentos  
Estéreis, resequidos...

## XV

Mas já o bando negro de Demonios,  
Qual âncora ferindo o mar no fundo,  
Pousava pé n'um fragaroso cêrro.

Era o cêrro d'um Monte celebrado,  
Onde vive a Legenda que transmite  
Aos sitios que ela escolhe, o proprio encanto,  
A propria luz remota da sua vida.

Para as bandas do poente e do nascente  
Presentia-se o mar; e para o norte  
E para o sul a indefinida terra.

E os liricos Demonios, sob a lua,  
Alongavam os olhos comovidos  
Pela seria belêsa da Montanha,  
Como tentando ler, em qualquer parte,  
Seu misterioso nome escrito em letras  
De terra e dura fraga...

Mas um Demonio então,  
Olhando os êrmos montes, alheado  
E abysmado em seu proprio pensamento,  
Julgára ouvir confusa voz remota,  
Nascida dos outeiros e dos vales,  
Dizendo um nome estranho e misterioso...  
E esta voz concebida em seu vivente  
Espirito, o acordou; tal como um sonho

Nos acorda do sômnno que dormimos,  
Ou como um passarinho quebra o ôvo  
Em que gerado fôra...

E o Demonio, em voz alta, repetiu  
Esse nome profundo que não era  
Um nome propriamente... mas um Canto;  
Um Canto que estivera occulto e vivo  
Nas entranhas da terra, e que aflorava  
A's inspiradas boccas demoniacas.

E os Demonios cantavam na Montanha  
O Cantico da Terra; e para ouvi-los  
O proprio Céu baixava sobre os pincares,  
N'eles pousando, leve e n'um desmaio,  
Sua brandura azul, mimosa, etérea...

Vinham sombras do poente; e do levante  
Madrugadôras luzes; e os Phantasmas  
Terrestres e os Espiritos divinos  
Para os ouvir cantar.

E o seu Canto dos homens ignorado  
Subia no Infinito.

*Adão*, que se afastára dos Demonios  
Vagueava, saudoso, ao lado de Eva  
Através d'um planalto... E o seu espirito  
Humano, a cada instante, percorria  
A planicie sem fim do seu Desejo...  
Esse desejo de remir os homens;  
De lhes abrir a porta que ele outrora  
Fechára com a chave do seu Crime.

E via tristemente a sua Queda  
Arrastando tambem para a desgraça  
Os proprios animaes, as proprias árvores.

Da rutilante espada com que o Anjo

O expulsára, sem dó, do Paraizo,  
Foi fabricada a faca do marchante  
E o machado cruel do lenhador.

E lastimava a bruta vida escura,  
A *morte* que vivêra nos Infernos...  
Mas bemdizia o instante de afflicção  
Em que a Dôr evidente lhe falou  
Pela bocca abrasada de Caim.

E bemdizia a Dôr que o comoveu,  
E o fez estremecer e renovar-se...

E bemdizia o Sol revelador  
Da sagrada alegria que alimenta  
O heroico esforço humano,—é o sangue vivo  
A rir, do nosso espirito...

E bemdizia a Aurora que dissipa  
Os Mêdos e os Espectros, retocando,  
Com suas mãos de rosa, as linhas puras  
Da Realidade simples, natural.

E bemdizia o Luar que nos seus olhos  
Deixou a imagem viva da Tristêsa  
Que enternece, por dentro, as duras pedras;  
E os robles humanisa e veste de asas  
As fontes, os perfumes, e as canções...

Tristêsa que é ternura, simpatia,  
Esparsa pelas Cousas... Sentimentos  
Que ficaram no mundo, desde a origem,  
Sem alma que os revele; e só por isso  
Procuram a noss'alma, embora estranha,  
E impropria para dar-lhes corpo e vida...

E bemdizia a Dôr, a Lua, o Sol,  
E o contacto amoroso com a Terra!

E bemdizia a Virgem da Saudade  
Que o perseguira, em sonhos, nos Infernos,  
Como nuvem ou sombra; mas, além,  
Na Serra Lusitana,  
Tomára Forma viva e Corpo vivo!  
Bemdizia a Saudade que era a força  
Divina das suas asas;  
Era seu proprio vôo espiritual  
Em direção do novo Paraizo...

E a Redenção sublime do Universo,  
Ei-la gravada a fogo na sua alma  
Sombria e torturada, como estrela  
No pano escuro e lúgubre da noite...

E esta divina Ideia caminhava  
E voava deante d'ele.

Não temia *Satan* nem a *Serpente*  
Que se lhe enrosca viva, em tórno á frente,  
E lhe deita veneno nos ouvidos,  
Quando fala, ou murmura algum segredo...

De resto, os seus heroicos Companheiros  
Eram belos Demonios inspirados,  
Sonhando o mesmo Sonho redentôr.  
Suas garras nasceram  
Para tanger a Lira; e Adão sabia  
O magico poder d'essa arma heroica,  
Cujo terrivel som domina as Féras,  
Encanta os Arvoredos e alevanta  
Muralhas de Cidades.

E, triste, vagueava ao lado de Eva  
Que já não era apenas a agua clara  
Sorrindo de frescura á luz do sol,  
Matando a sêde ardente ao seu Amante.

*Eva* tornou-se enfim a Companheira

Da Esperança de *Adão* e do seu Sonho,  
Desde a terrível hora em que seus olhos  
Pousaram, em ferida, sobre a Sombra  
Do Filho condenado; e desde quando  
A alegria da Aurora lhe sorriu  
Na terra, a mãe dos homens e das arvores.

N'essas horas, profundas, decisivas,  
Creadôras de estrêlas e de espiritos  
A Primeira Mulher  
Fêz-se a Primeira Mãe;  
E sobre a sua carne, terra nova,  
Porque fôra cavada e revolvida  
Por esse Cavador,—o Soffrimento,  
—Desceu a Primavera Espiritual,  
A Saudade mostrando a sua face  
De luz e de esperança.

E o seu corpo, durante longos seculos  
Bruto e cêgo instrumento de prazer,  
Viu que era o ninho dôce e protector,  
Sensível d'uma alma;  
Que era uma casa viva e em harmonia  
Com o divino Sêr que n'ela habita.

E *Eva* tornou-se triste; mas a sua  
Tristêsa era sagrada; era o signal  
Do Espirito presente no seu Corpo.

E esta bôa tristêsa alumiaava  
Os seus olhos azues, d'um puro azul  
Desanuviado, altissimo, celeste,  
Entremostrando os Anjos...

E enquanto os seus amigos Companheiros  
Cantavam pelos cêrros da Montanha  
As Arvores, os Deuses e as Estrêlas,  
—Desciam, ao luar, os dois Amantes  
A encosta d'um outeiro, sobre a qual

Se descobria, negro e erguido a prumo,  
Um tragico rochedo, d'onde vinha  
Maguada voz confusa...

E o sinistro rochedo recordava  
Um disforme gigante, cuja voz  
Echoásse de encontro ás suas formas.

E o profundo silencio montanhês,  
Ondulava, espraiando-se no Céu...

*Adão e Eva*, emfim, aproximando-se,  
Conheceram que a voz confusa e triste  
Era de humana origem...

A voz! A voz humana!  
A voz antifraterna de outras vozes!  
Que de todas se isola e se destaca!  
A Voz que tem signaes e cicatrizes  
Dolorosas, profundas, indeleveis  
De haver pousado na surdês dos Deuses!

E aquela voz humana,  
Enchendo de profunda humanidade  
Os pincaros e os vales,  
Ouvia-se já perto a Adão e Eva.

Estes, pararam logo, de surprêsa,  
Perante um Sêr humano acorrentado  
Ao tragico Rochedo; era um gigante  
Mostrando, á luz da lua,  
O seu corpo despido e prisioneiro.  
Um negro e enorme Abutre  
Cravava-lhe no ventre as finas garras,  
Firmando-se com força.  
E o seu bico cruel lhe devorava  
O ensanguentado fígado, avistando-se  
Pelo buraco d'uma larga ferida.

Mas o gigante, tragico, impassivel,

Tinha os olhos voltados para o céu;  
E só de vez em quando estremecia,  
Gemendo vãs palavras, êrmas vozes...

*Eva* tremia, pálida de espanto...  
E recordava *Adão*, ao lado d'ela,  
Uma estatua de marmore e silencio...

E subito, partindo sua imovel,  
Insensível dureza,  
Pegou n'um grande seixo e arremessou-o  
De encontro ao negro Abutre!

E gritava, fazendo largos gestos,  
Como quem tenta afugentar as áves...

E logo o estranho Abutre, com a ponta  
D'uma asa sacudir o grande seixo!  
E para *Adão* volvendo o bico em sangue,  
Soltára uma estridente gargalhada,  
Abalando, em redor, os êrmos montes  
E o terrível Rochedo do Supplicio!

*Eva*, caíra, branca, n'um desmaio...  
E o cruel, negro Pássaro voltou,  
Indiferente e negro, a devorar  
As sangrentas entranhas do Gigante  
Abysmado e perdido na sua dôr...

*Adão* tremeu, ouvindo o riso agudo,  
Sarcástico do Pássaro; e tomando,  
Nas frias mãos nervosas, outra pedra,  
Com mais violencia ainda, arremessou-lh'a!

Mas ele novamente a sacudiu,  
Como se fôra um simples grão de pó;  
E então lhe disse, abrindo o longo bico  
Ensanguentado e rubro de ironia:

«Tu sabes quem eu sou?  
Este meu bico enorme que te fala,  
Estas sombrias asas que me vestem,  
São de origem humana; mas a sua  
Naturêsa é divina e irmã dos Deuses...

(E misteriosa aureola  
As asas lhe envolveu, porque ele quiz  
Firmar sobre um milagre,  
A sua Divindade...)

«Sou o *Espirito Santo*, compreendes?  
E este imenso Gigante que tu vês,  
E' a Seára viva, o Pão da minha Fome!»

E o Abutre, sorrindo, acrescentou:

«Tu podes atirar-me quantas pedras  
Existem pelo mundo... que elas fôram  
As migalhas do meu primeiro Pão...

«Foi tempo em que eu jantava as pedras duras,  
E no fogo matava a minha sêde!...

«E devorei depois as grandes arvores  
E os Monstros mitologicos...

«Mas eu prefiro agora a branda e humana,  
Quasi divina Carne...

Este pobre Gigante  
Subiu, um dia, ao Céu nas minhas asas;  
Fui seu cúmplice, outrora, n'esse Roubo  
Perpetuamente acêso sobre a Terra.

Fui seu cúmplice, é certo; mas por isso,  
Paga com sangue o auxilio que lhe dei...

«Hercules, esse Ingenuo, n'outros tempos,

Tentou amavelmente libertá-lo  
Das minhas duras garras invencíveis!  
Tão grande, sim, ás vezes, a cegueira  
Dos pobres Semi-Deuses!»

E o Pássaro, ao findar estas palavras,  
Emudeceu, pendendo o nêgro bico  
Scismatico e comprido.

Depois, batendo as asas, e acordando,  
Varrendo vagas sombras da memoria,  
Continuou a falar:

«Vou dizer-te o que nunca te disseram  
Os poetas da Fabula!  
Sabes quem é que espera a liberdade?

«Sou eu, não é o Gigante.  
Sou eu,—o negro Abutre;  
Sou eu,—o Santo Abutre carniceiro!

«Sou eu que sonho, ouviste? libertar-me  
D'estas pobres entranhas dolorosas...

«Quero ser livre, sim, para voar...

«Quero sentir o vôo da Liberdade,  
Que a liberdade imovel é prisão!

«Sou eu, sou eu, que vivo preso ao Corpo!  
Sou o Espirito Santo agrilhado!»

E deixando o gigante de soffrer  
As terriveis picadas que o devoram,  
—Lentamente moveu seus olhos êrmos,  
Como se despertásse d'algum sonho  
Profundo e secular... e murmurou  
Estas tristes palavras:—Onde estás?  
Onde é que estás minh'alma? Não te sinto!

E logo o negro Abutre, sacudindo  
Do bico a sua scisma,  
Tal como sacudira com as asas  
As pedradas de Adão,  
Continuou, faminto, a devorar  
As vermelhas entranhas do Gigante.

Tomou Adão a Amante nos seus braços,  
Retirando-se, enfim, d'esse Rochedo  
Tambem agrilhado á sua Inercia...

E durante o caminho para os altos,  
Onde haviam ficado os Companheiros,  
Scismava *Adão* n'esse homem misterioso,  
E tão profundamente seduzido  
Pelo encanto diabolico da Dôr...

E a gargalhada rútila do Abutre,  
Ilusoria e insistente, perseguia  
Seus ouvidos febris, como se fôsse  
O mesmo Espectro tragico do Riso!

*Eva*, sob a influencia do ar mais puro  
Dos altos, reanimou-se; e, novamente  
Firmando os pés na terra, perguntou:

«Que vimos nós? Foi sonho ou realidade?»

E o Amante, ao descobrir  
No seu olhar azul, o mesmo espanto,  
Lhe disse: «— N'estas grandes altitudes  
Dão-se alucinações imaginarias  
Que nada representam de real...

«Durante a noite, em sonhos, nunca viste  
As cousas mais phantasticas?  
E quem sabe se estavamos dormindo?»

— «Eu estava desperta; não parece

Que fôsse um pesadêlo...»

«Um homem nunca sabe quando está  
Desperto; estar desperto...  
Ainda é talvez dormir... um outro sômnio...»

E *Eva*, sorrindo: «Emfim, eu compreendo:  
Ha dois sômnos irmãos, como o luar  
E' irmão da luz do sol...  
Eis o sômnio das noites e o dos dias...»

E *Adão*: «Adivinhaste;  
O sômnio diurno está para o noturno  
Como o sol para a lua!

«Sim: no primeiro sômnio  
Nós temos a *ilusão* da Realidade;  
E no sômnio da noite,  
A propria *realidade* da Ilusão.

«E por isso, este sonho que sonhamos  
Durante o nosso sômnio de vigilia,  
Pareceu-te uma cousa verdadeira,  
Emquanto os outros sonhos  
São para nós o sonho propriamente,  
A apparencia illusoria...»

E conversando assim, já distraídos,  
Alcançaram os cumes da Montanha.

## XVI

A lírica Phalange demoniaca  
Ergueu vôo, na amplidão, d'aqueles altos  
E legendarios cêrros; novos céus  
Cortou com suas asas; novas terras,  
Debaixo de seus olhos, estenderam  
A arborisada e verde superficie...

Mas os Diabos misticos, por fim,  
Dirigiram seu rumo para os santos,  
Celebrados e biblicos logares  
Que, tornando-se biblicos, tocaram  
A aspiração suprêma da Paisagem.

A terra só atinge o claro Olimpo,  
Quando, em suas entranhas, géra e cria  
Alguma Divindade; quando sente  
Que á sua superficie a Alma Humana,  
N'um momento chimerico da Historia,  
Levanta para além dos proprios astros,  
Uma nova Altitude Espiritual.

Deus está na paisagem que o criou;  
E' ali que ele aparece á Creatura;  
Ali, na solidão e no silencio...

O Êrmo é o Altar de Jupiter;  
Templo de Jéovah, Throno de Osiris;  
O Êrmo é o Reino dos Céus...

E enquanto *Adão* e *Eva* e os *Companheiros*  
Voavam para a biblica Montanha,  
— Os Demonios fieis a Satanaz  
Seguiam o mesmo rumo:

Uns, vindos do Levante,  
E com rosas de luz amanhecendo  
Na escuridão das asas;  
— Outros, do escuro Ocaso, ainda envoltos  
Em sombras de crepusculo;  
Outros, do morno Sul, do frio Norte:  
Aqueles ainda todos gotejantes  
Como nuvens de chuva;  
Estes com asas negras salpicadas  
De alvos flócos de neve...

E todos, n'um vôo sôffrego, voavam  
Em direção á Serra do Thabor.

Fulgiam rios, sob as suas asas;  
As terras verdejavam; altos cumes  
Eram negros relampagos subindo...  
E as grossas, brancas nuvens definidas,  
Como blocos marmoreos, ao tocar-lhes  
Nas asas, transformam-se em Phantasmas... | av.

Todas as formas mortas e em repouso,  
Que eles viam á frente de seus corpos,  
Quebrando a sua inercia, de repente,  
Eram asas tomadas de vertigem  
Correndo ao seu encontro.

Dir-se-ia que os Demonios transmitiam  
O fogo, o sonho, a luz que os animava  
Ás árvores, ás nuvens e ás Montanhas...

Entretanto, *Satan*, nos seus Infernos,  
Esperava o regresso dos Demonios.

A Cobra segredára-lhe que o dia  
Do Juizo Final estava perto:

«Com a ponta da minha negra cauda  
Toquei na estrela Sirius...  
E a estrela vacilou; tornou-se pálida!

«Toquei tambem no Sol; e eis que alguns raios  
Da sua corola d'oiro despegaram,  
Como no outômno, as pétalas já mortas...

«Toquei depois no coração da terra;  
E sentiu-o gelado e enfraquecido...

«Vêde o Signal dos Tempos...»

A Cobra fina e sábia,  
Perante o orgulho surdo do seu Amo,  
Poucas vezes falava na aventura  
Herectica e profana  
Do *Espirito da Sombra*, pelo mundo...

De resto, o Diadêma gostou sempre  
De beijar e abraçar a ingenua fronte  
Do seu Rei que era ingenuo, como todos  
Os corações crueis ou amorosos...

Estas falas da Cobra lisongeira  
Avivavam o sonho de Satan  
Que não podia ver ninguem rebelde  
Ao seu poder imenso de Senhor,  
E por graça de Deus, do proprio Deus  
Que lhe deu, fulminando-o, o Imperio tragico  
Da Lagrima e da Noite.

Durante os seus passeios através  
Da Floresta das Almas e das Sombras,  
Via-se um novo Archanjo resplendente  
De toda a luz divina e graça etérea

Do Olimpo conquistado...  
E via a sua Força definida  
Governar, dominar tudo o que existe  
Desde o profundo Inferno aos altos Céus!

E desejava ver o antigo Adão  
Ajoelhado a seus pés, em homenagem  
Humilde de vassalo...

Este, momentos antes  
De abandonar a célebre Montanha,  
Encontrou a Figura que o levára  
Ao sitio do antigo Eden.

Desceu n'um raio de oiro; e, mal lhe disse:  
«E' perto o grande Dia!» — n'outro raio  
Subiu no espaço azul...

Os *bons* e os *maus* Demonios já sabiam  
Que o *Fim* se aproximava; e cada um,  
Com a sua esperança, estava á espera...

E enquanto as negras tropas demoniacas,  
Como sombrios esquadrões alados,  
Vôam para as alturas do Thabor;  
E enquanto *Satanaz* meditativo  
Passeia junto ao Portico infernal,  
Lançando um vago olhar ás novas *Almas*,  
Com as garras agora distraídas,  
Mal segurando o látego de fogo,

— A terra humana e viva,  
Sente crescer as intimas sementes  
Ha pouco semeadas; e estremece  
Com as dôres do parto,  
Como a terra insensivel, a outra terra,  
Durante os terremotos.

E as Criaturas assistem, doloridas,

A' negra flôr do Mal que d'elas nasce  
Misteriosamente; e, para o chão,  
Voltam a face tragica e sinistra.  
E os seus olhos turvados e indecisos,  
Não querem revelar á luz do sol,  
O Crime, feito imagem, que sobre eles  
Se debruça, espreitando...

E outras, ficam surprêsas de alegria,  
Ante as flôres do Bem que n'um segredo,  
Surgem na sua sombra interior,  
Como estrelas de luz inesperadas  
Riscando o ceu noturno.

E intimamente as Almas, estudando-se,  
Não descobrem o sitio 'donde nascem  
A treva, a luz que, subito, as espanta,  
Coroando-as de espinhos ou de flôres...

Qual a origem do Bem? Qual a do Mal?  
Em que profundidade existe a fonte  
Das lagrimas salgadas? De que alturas  
Desce a asa luminosa d'um sorriso  
Para pousar, cantando, em nossos labios?

D'onde vem esta *força* escura e cêga  
Que mata, que destróe? Mas d'onde vem  
Este impeto sagrado que nos leva  
A sentir e a soffrer a dôr alheia,  
E que nos tira a tunica, vestindo  
Com ela os corpos nus e miseraveis?

D'onde vêm estas *forças* misteriosas?...  
E os rastros de alegria ou de amargura  
Que deixam, para sempre, em nosso espirito?

São geradas em nós? Provêm de nós?  
Ou são d'uma remota e estranha origem?...  
Ou descendem do nosso casamento

Com a Sombra das Cousas que nos cercam?...  
E que distancia vae do Bem ao Mal?  
Que parentêsko entre eles haverá?  
Serão do mesmo Ventre e mesmo Sangue?  
De duas Mães estranhas uma á outra?

Érmos Ventos do Espirito profundo,  
Quem sois? E d'onde vindes? Para que  
Tomaes o nosso Corpo em vossos braços,  
E o levaeis n'um noturno turbilhão,  
Através de relampagos e sombras,  
Por um céu de misterio e tempestade?

Ah! Para que assopraes ao fogo ardente  
Que nos consome e que se chama Vida?

Aonde ides, êrmos Ventos? Para que?

Assim as Criaturas interrogam  
A sua propria Sombra que parece  
O Phantasma d'um Sêr que ainda está vivo!...

Mas o Vento diabolico  
Arranca-lhes dos labios doloridos  
Estas êrmas palavras anciosas,  
Sem dó, esfarrapando-as e espalhando-as  
No ar, a rir, a rir...

Uma nova Esperança vae na Terra,  
E vae tambem um novo Desespero...

Cada alegria nova que resurge,  
Já do outro lado traz a véra éfigie  
D'uma nova tristêsa...  
Assim a sombra angelica d'um berço,  
No chão recorta a bocca d'um sepulcro.

Tambem a luz divina d'um sorriso  
Tocando em dura face impenetravel,

Arrefece, anoitece e quasi chora.

Só é pura e perfeita uma alegria,  
Quando ela pode, enfim, comunicar-se;  
Quando nada a interrompe no seu vôo  
E vê deante de si a transparencia:  
Assim a clara luz  
Ri através d'um limpido cristal;  
Mas se bate de encontro a qualquer coisa  
De fria, inerta, opaca densidade,  
Desfalecendo, cáe, e é sombra morta.

A semente que os *Démos* semearam,  
Germina e cresce; e já murmura ao vento!  
São ondas de Verdura!  
Alta maré de flôres venenosas,  
E de flôres que dão divino mel...

Uma nova Esperança vae na Terra,  
E vae tambem um novo Desespero...

## XVII

Adão, a sua Eva e os Companheiros,  
A caminho da Serra do Thabor,  
No instante em que o Sol rompe a escura linha  
Dos montes do Levante,  
Fôram surpreendidos por estranha  
Visão misteriosa:—O busto ardente  
Do Sol reanimou-se: era a Figura  
D'um Deus, d'um novo Deus; e em volta d'ela  
As estrelas brilhavam, como á noite.

As remotas estrelas pequeninas,  
Translucidas brilhavam mesmo ao pé  
D'aquêle imenso e magico esplendôr!

E tudo retomava, por milagre,  
A sua propria vida, mais perfeita...

E os Demonios surprêsos  
Pairaram algum tempo; e as suas asas,  
Que a amanhecete luz bordava em oiro,  
Tremulavam de viva comoção,  
Como bandeiras, no ar azul, ao vento.

Era a propria emoção que as animava:  
A emoção, o vôo largo, o fogo lirico,  
A fogueira ascendente das suas almas...

E depois os Demonios avançaram

No ar redemoinhante, em alvoroço,  
Ferido pelas asas cortadôras.

Quando, enfim, atingiram novamente  
As bíblicas alturas do Thabor,  
Bruxuleiava o dia, quasi extinto.

Os Démos de Satan  
Já cobriam as áridas encostas  
E os outeiros, sentados sobre as fragas,  
Cansados de voar... E recordavam  
Negros bandos de córvos levantando  
O seu perfil sinistro, escuro e triste,  
Na penumbra agoirenta do crepusculo.

E logo, *Adão* e *Eva* dirigiram  
Os passos para a entrada da caverna  
Que abre a sombria bocca no mais alto  
E penhascoso cêrro. E no caminho,  
O plutonico *Chefe* lhes falou  
Das heroicas victorias alcançadas...  
E ria-se, contando as peripécias  
Da guerra contra as *Almas*, e o desgosto  
Dos Anjos bons da Guarda que batiam  
Em triste retirada, cabisbaixos,  
Pendendo as asas brancas...

E o seu riso grosseiro ia de encontro  
A' tristêsa de *Adão* silencioso...

E o *Chefe* continuava:

«Ah! fartura como essa do Diluvio!  
Mas esta, creio bem, será maior...  
Dou graças aos meus olhos vigilantes,  
Perpetuamente abertos para o Mal,  
Para a divina causa de Satan!

E um intimo prazer,

Reacendia-lhe os olhos cubiçosos...  
E tudo em volta d'elle,  
Era como que um mundo-nevoeiro,  
Porque a imagem das cousas dilatada  
Desagrega-se e perde a sua propria,  
Natural apparencia fisionomica.

Em grupos somnolentos, os Demonios  
Falavam, entretanto...  
Suas vozes confusas, indistinctas,  
Punham poeiras de som na palidês  
Da noite que subia...

*Eva* sentou-se á entrada da caverna,  
E sobre a mesma fraga d'onde viu  
Desabrochar a flôr da madrugada.

E agora contemplava, absorta e triste,  
O declinar do Sol.

Qual multidão de cousas desenhando-se  
Na bruma que se apaga,  
Surgiam-lhe as *lembranças* na memoria,  
—Esse espaço cavado em sepulturas,  
Com datas já remotas e epitafios,  
Alguns dos quaes delidos pela chuva,  
Trilhados pelo Tempo...

A Memoria recorda um cemiterio  
Phantastico, esboçado em nevoeiro,  
Suspendo em nosso espaço interior,  
N'uma perpetua, estranha, misteriosa  
Resurreição dos Mortos...

Surgiam-lhe *lembranças* na memoria,  
Bailando-lhe nos olhos, como sombras  
Á flôr da agua inquieta...

Recordações! Lembranças!

*Creaturas viventes* com seus gestos,  
Suas puras, ideaes fisionomias,  
E com vozes que se ouvem no silencio...

Recordações! Lembranças!  
*Corpos de nevoa*, pálidos, subindo  
D'uma fonte que chora em nosso espirito,  
E que são, em phantasma, as proprias lagrimas.

*Eva* scismava... Imagens de mulher  
Perpassavam na bruma da sua scisma...

E entre elas distinguia a Virgem Mãe  
E a Morte a separá-la de seu Filho!

E via a Deusa eterna;  
Venus de róseo corpo amanhecendo,  
Purificado pelo fogo astral  
Do beijo que o queimava...

E via Joana d'Arc,  
Volvendo, em alvoroço, o rosto alegre  
Para a Visão divina da sua alma.

E viu outras ainda...

Mas logo estas Figuras se perdiam  
Na penumbra ascendente do crepusculo...

E seus olhos saudosos contemplavam  
A infinita tristêsa espiritual  
Que o Poente derrama sobre as cousas,  
Divinisando tudo.

*Eva* scismava... em que? Nem ela mesmo  
Saberia dizê-lo...

Quando a Meditação se torna assim  
Sem margens e sem fundo,  
Afoga nossa propria consciencia

Dentro em seu proprio seio... E nós ficamos  
Semelhantes ás Arvores e ás Nuvens.

Ela, a Meditação, é o nosso ponto  
De contacto com Deus; é o santo abysmo  
Que se cava entre nós e o nosso Espirito.

E, n'um gesto, dispersa-nos por toda  
A imensa Naturêsa; e, n'esse instante,  
Não sômos *o que vive*, mas *a vida*...

Por isso, *Adão*, tocando-lhe na fronte,  
Ali, na mesma origem do socêgo,  
Da Bemaventurança,  
Roubou-a, sem querer, á realidade  
Animica das Cousas:

«Em que scismavas? dize...»

—«Não sei... mas era em ti...» respondeu Eva,  
Volvendo para o Amante os olhos vagos  
Esfumados em intima visão.

E ele sentou-se triste ao lado d'ela,  
E emudeceu tambem,  
Contemplando o crepusculo, a Paisagem,  
E sobre tudo a estrêla que primeiro  
Rompia a indecisão da luz extinta.

Mas *Eva* preferia contemplar  
Esse vago noturno, cinza esparsa,  
Imaterializando as formas tôscas,  
As apparencias nitidas que férem,  
Porque violentamente nos escondem  
A vida em seu animico esplendôr...

Amava a Indecisão, o Vago, a Nevoa;  
A face espiritual que as Cousas têm...  
E não a sua face definida,

Material e densa, a forma clara  
Que seduz e embriaga o olhar dos homens.

Ao longe, o grande lago  
Era um espelho fluidico e animado,  
Onde vinha mirar-se o vago rosto  
Da defunta Paisagem circular...

E os rios eram de oiro, e as claras fontes  
Eram aureas cantigas, aureas vozes...  
E as nuvens eram montes de riqueza...  
E os hieraticos corpos das Palmeiras,  
Tinham tunicas de oiro até aos pés...

Ah, bem se via Jupiter caindo  
Na sedusida terra, em chuva de oiro...

E no oiro milagroso do crepusculo  
*Adão* assim falou á sua *Eva*:

«O grande Dia, ouviste? já vem perto.  
E a *hora* de voltar ao negro Inferno,  
Já quasi nos atinge com a sua  
Ligeira e alada sombra.

«Que dizes tu? Devemos regressar  
Aos funebres dominios de Satan,  
Ou esperar, na terra, o *grande dia*?»

— «Esperêmos na terra, nossa Mãe,  
A *Divina Sentença*. Eu não desejo  
Voltar, de novo, ao Tartaro maldito;  
Morto Paiz de Espectros...»

Esta ultima palavra despertou  
Em *Eva* dolorosos pensamentos.  
E uma torrente subita de choro  
Trasbordou-lhe dos olhos inundados...

Uma palavra apenas reviveu  
Dentro d'ela a sinistra e escura Imagem  
Do Filho condemnado e criminoso...  
E esta *imagem*, surgindo em seu espirito,  
Evocava um cadaver todo em sangue  
Sobre um leito de sêdas e de flôres.

E *Eva*, subitamente transtornada,  
Chorava sobre o crime de seu Filho,  
E sobre as suas lagrimas inuteis,  
Sem poderem, ao menos, refrescar-lhe  
O corpo feito brasa e carne viva!

Chorava sobre o Filho e as suas lagrimas  
Ali perdidas, na aridês da Serra...

N'este instante, a lembrança de *Caim*  
Fazia-a soffrer mais do que soffrêra  
No dia em que ela o viu na Dôr eterna.

A lembrança febril d'uma desgraça  
É mais sinistra ainda e dolorosa  
Do que o seu espectaculo terrivel!  
O *espectaculo* é externo, apenas *visto*;  
E a *lembrança* é *vivida*... é interior;  
Fica integrada em nós, em nós se funde,  
E fica a ser, emfim, da nossa vida!

E *Adão* compadecido,  
Sentindo n'ele o fogo que a queimava,  
De beijos lhe cobria a trança e os olhos...

Mas *Eva* entre soluços: «O' meu Filho!  
*Caim*, onde estás tu? Perdôa á mãe  
O venenoso leite que mamaste  
N'estes seios de crime e de desejo!»

E *Adão* gritou tambem aos quatro ventos:

«Caim! Perdôa ao pae! perdôa ao pae  
A fraquêsa de tudo quanto existe!  
Perdôa, em mim, á Vida! Em mim, perdôa  
A' Noite mãe, á Sombra originaria,  
Que eu sinto a Aurora já no meu espirito!...»

E estes gritos de supplica e de angustia  
Ouviram-se no céu e sobre a terra;  
E fôram de écho em écho, despertados  
Nas encostas dos montes, nas encostas  
Somnambulas das Nuvens...

E Adão, já mais sereno, então lhe disse:

«Esperêmos, no mundo, o grande Dia!»

E Eva: «Sim; ficaremos n'estes sitios,  
Até se ouvir o grito da Esperança!

«Eis ali nossa casa», acrescentou,  
Mostrando, n'um estranho gesto agudo,  
A entrada escura e fresca da Caverna.

Era o gesto da Mãe  
Que perdêra seu Filho duas vezes;  
Perdeu-o no mau instante da sua morte  
E no instante peor do seu peccado.

Depois, como de leve adormecendo,  
Baixou a fronte ardente para a terra  
Inerte, arrefecida...

Foi seu magoado espirito que ao vêr-se  
Ferido por horrivel pensamento,  
Conseguiu isolar-se nos logares  
Serenos e neutraes, que, por milagre,  
E misteriosa graça,  
Existem dentro em nós, em nosso mundo  
Interno e sem limites...

E' por isso, que, ás vezes, a Creatura  
Sob uma dôr feroz e crudelissima,  
De subito, recorda, sem querer,  
Um facto alegre, cómico e vulgar  
Que a fizera sorrir... e quasi ri!

E *Adão*, ao vê-la assim n'aquelle sômno,  
Se afastou, de ao pé d'ela e sem ruido...  
E subiu ao mais alto da Montanha,  
A refrescar no ar gélido da noite,  
Nas alturas de fraga e redenção  
A frente incendiada pelo fogo  
D'onde vira surgir, pingando lume,  
A fatidica Sombra de Caim!

O céu noturno, altissimo, tránslucido,  
Derramava nas ingremes encostas  
Uma indecisa claridade virgem,  
Como um sorriso vago que era feito  
Das lagrimas remotas das estrêlas...

E *Adão*, n'um largo olhar,  
Abrangendo a Montanha, distinguia  
Os vultos apagados dos Demonios  
Que, ao relento, dormiam, inundando  
De escurecidas manchas os outeiros,  
Os cêrros e as quebradas...

E sobre aquelas negras  
Frontes adormecidas e cornudas,  
Os sonhos que sonhavam  
Pairavam altos, puros e alvejantes,  
Todos cobertos de asas côr de neve...

E *Adão* scismava: Olhae: parecem Anjos  
Os Sonhos dos Demonios...

— Sim: o Corpo é Demonio; mas a Alma  
Que n'ele desabrocha é Divindade.

— As árvores também no mês de Abril  
São Anjos para olhos da Paisagem...

— E eis que as folhas das arvores murmuram,  
Como fontes a orar, quando nos ramos  
Abrem a asa os Canticos das Aves...

— E' que ha Deuses voando em tórno d'elas...

— Eu vejo a nova Luz! Eu compreendo!  
Eu vejo a Carne viva florescer  
N'uma rosa de espirito divino...

— Vejo, sim, a Materia, desde as formas  
Mais brutas e insensiveis, pouco a pouco,  
Conquistar a Presença Espiritual.

— Vejo o Universo, enfim, por suas mãos  
Animicas, creadôras, completar-se,  
Definir-se n'um todo harmonioso,  
Com seu *Principio* escuro e soffredor  
Com o seu *Fim* de luz e de alegria...

— Vejo os antigos Reinos integrados  
E libertos no Reino Espiritual...

— E vejo em mim a Lagrima das Cousas  
Inflamar-se n'um Riso, porque, em mim,  
A sombra faz-se luz e a morte vida...

— Ah! sim! Eu vejo! Eu vejo! Eu compreendo!  
Aquele Deus irado e resplendente  
Que outrora me expulsou do Paraizo,  
Não veio sobre as nuvens;  
Veiu sobre a minh'alma trovejante,  
Contra meu proprio sêr relampejando...

— Eu mesmo, olhae! a mim me condemnei!  
E eu mesmo hei de salvar-me!

— Deus falará, de novo, no meu sêr...  
Eu sou a escura fraga do Sinai,  
Jéovah e Moysés...

— As ruínas que eu vi da Edade de Ouro,  
Eram meu esqueleto resequido  
Pelas chamas do Inferno... Mas eu sinto  
A nova carne virgem que o reveste  
De vida e primavera...

— Já se aproxima a Hora da Esperança...

— Vejo *signaes* no Céu; por toda a parte  
Misteriosas Luzes aparecem...  
Igneas Phrases gravadas no silencio  
Da noite... Apparições maravilhosas...  
Anjos cortando o espaço com as asas,  
N'um vôo de quem procura alguém na terra...  
E as brutas Fragas falam com as Nuvens,  
E têm gestos humanos, de quem vive...  
Pairam Vozes, de noite, na penumbra  
Alumiada dos Templos... E as Imagens  
Dos Santos estremecem nos altares...  
Dir-se-á que um vento agita as velhas campas  
Em suas térreas formas de onda morta;  
E na ramagem densa dos ciprestes  
Perpassam Alvorôços e Alegrias...  
Vejo Sombras errando sobre a face  
Da Lua... Maravilhas e Prodigios...  
Passou, no Azul, o Espectro de Jesus  
Tangendo a Lira de Ouro...

— Tem outra face a Terra,  
O Céu tem outro olhar...

Eis o que *Adão*, sonhando, descobria  
Ali, dos altos cêrros, ao pousar-lhe  
Na frente incendiada  
O beijo nupcial da noite clara.

E a divina Vertigem das Álturas  
Arrastava-lhe o corpo docemente,  
Voluptuosamente para o Abysmo,  
Sob os seus pés, aberto em fragaredos  
Misturados com sombra...

Quando entrou na caverna,  
*Eva* dormia, emfim, aquele sômnio  
Tão forte que vencêra a sua dôr...

Sômnio feito de bronze  
E bemaventurança;  
Sômnio — Hercules que mata e esmaga aos pés  
O Dragão — Sofrimento; o sômnio — Archanjo!  
O sômnio heroico e santo que liberta,  
— Esse Lohengrin — Phantasma...

## XVIII

Já no dia seguinte, ao cair da noite,  
O povileu diabolico espalhado  
Ao longo das encostas, esperava  
O instante do regresso.

E o plutonico *Chefe* dirigiu-se  
A *Adão*; e assim lhe disse:

«Esperamos, Senhor, as vossas ordens...»

—«Vae; dize a Satanaz que não pertenço  
Ao seu Imperio negro, mas á terra,  
Á verde terra em flôr que me criou...

Ficarei sobre a Terra...»

O *Chefe* abrindo os olhos espantados:

«Vinde servir a Satanaz, meu Amo,  
Que muito vos adora e vos distingue!»

—«Deixei de ser escravo. Apenas sirvo  
Minha propria Esperança e minha vida!

«Eu quebrei a grilhêta que era feita  
De sombras e artificios...

«A nuvem dissipou-se. Vejo o sol.»

— «Oh! que estranhas palavras que dizeis!  
Heresias! Blasfémias! O ar do mundo  
Perturbou-vos o espirito, Senhor!»

— «O ar que varre o mundo e aclara o céu,  
Pertence aos meus pulmões; desanuvia,  
Retoca as formas vivas do meu Sêr;  
E, ao passar em minh'alma, faz-se luz.

× «Ao passo que no Inferno a gente abafa;  
É um tumulto de treva...

«Mas tu não comprehendes, o que eu digo...»

«— Senhor! Não delireis! Oh, vinde, vinde,  
A' frente dos exercitos... Satan  
Por vós espera, ancioso e generoso.»

E de repente, Adão lhe perguntou:

«Não te lembras do Céu em que viveste?  
Tua terra natal, e onde já foste  
Um Anjo de asas brancas e felizes?»

E o *Demonio dos Olhos*, enrugando  
A testa arborisada, n'esse esforço  
Que as lembranças defuntas resuscita:

«O Céu?... Mas a grandeza de Satan  
Enche a minha memoria; dentro d'ela  
Não ha logar algum que esteja vago!

× «De resto, o Céu... é apenas uma sombra  
Da minha infancia... é nuvem indecisa...  
Remota... Não me lembro... O céu... O céu...  
Perde-se já na noite... Ele pertence  
Aos mais antigos tempos da Pré-Historia...

«Foi a *Edade de Pedra* dos Infernos...

«Do Céu já não me lembro, com franqueza...  
Além d'isso, eu só amo o que é presente;  
O que é tangível, verdadeiro, emfim!  
O mais é fumo e sonho...  
Lunaticas visões de quem delira;  
Loucuras, devaneios...»

*Adão* reteve um gesto de desprêso;  
E só lhe disse n'uma voz de neve:

«Vae: cumpre o teu destino,  
Alma esteril e morta, que não vês  
A florescencia espiritual das almas  
Viventes e fecundas.

«Não vês porque não *crias*; e por tanto,  
És um descrente, e ris como as caveiras!

«Os teus olhos são vivas ironias  
Que Deus cravou, sorrindo, no teu corpo,  
Quando essas asas brancas se fizeram  
Negras e de morcêgo...

«Parte: eu fico na Terra», concluiu  
Nosso Primeiro Pae que se afastou  
Do *Chefe* cabisbaixo e macambusio.

Pouco depois, *Adão* e a sua *Eva*  
Da entrada da caverna, contemplaram  
A partida do exercito plutonico  
Que, a uma voz do *Demonio Visionario*,  
Levantou vôo na escuridão da noite.

Ao receber *Satan* no seu Imperio  
As numerosas tropas,  
Cobertas de poeira e de prestigio,  
Não encontrou *Adão*!

A negrura do rosto embranqueceu-lhe;

E tremeram-lhe os queixos, quando o *Chefe*  
Revelou tudo, emfim!

E depois de engulir lufadas de ar  
Violentas e abrasadas, triturando  
O tragico charuto com os dentes,  
Tal como se ele fôsse em carne viva  
O *Espirito da Sombra*, — caminhou  
Para o soturno Bosque da Penumbra,  
A fim de se esconder dos outros Démos...

Não fôsem eles vêr na sua fronte  
A *humilhação* gravada a ferro e fogo!

A Cobra, vendo-o a sós,  
E cingindo-se mais á sua testa,  
Em signal de carinho e segurança,  
Falou-lhe em voz suave:

«Mas eu previ tudo isto! Eu bem te disse!  
Pois que esperavas tu? O amor a Deus  
É o erro humano, sim, por excelencia!  
Pertence á misteriosa Creatura  
Que ergue a fronte no espaço e eleva os olhos  
Saudosos ás estrêlas...»

E Satanaz comsigo assim dizia:

— Só me traíu agora; mas em breve  
Tornará a conhecer aqueles Lagos...

E apontou para as ondas incendidas  
Que, ao longe, entre folhagens spectraes,  
Palpitavam, sangrentas e vermelhas.

E respondeu-lhe a Cobra:

«Disseste: *só agora?* Bem se vê  
Que tu não sabes, não, de que penumbra

São feitas estas *Sombras* que da Terra  
Chegam constantemente aos teus dominios...

«Um homem, ouve tu!  
Jamais realisa *logo* qualquer cousa;  
Mas é sempre *depois*... é no momento  
Imprevisto... Vê lá, se ele peccou  
Logo no seu primeiro dia edenico...»

A ironica Serpente disse ainda:

«Eu quero vêr-te alegre.  
Limpa o teu rosto da tristêsa vil  
Que faz de ti um misero Demonio!

«Tu, que és o Pae soturno da Ironia,  
O Imperador do Riso e do Peccado,  
O Vencedor da Lagrima divina,  
Não te faças agora um Satanaz  
Que vae pedir a Deus misericordia!»

E o negro Rei, a sós, monologando:

«A odiosa traição enraiveceu-me;  
Mas esta vil tristêsa do meu rosto,  
Tem outra origem, sim!»

Dizendo estas palavras, recordou-se  
De ter visto perfeita e claramente,  
Quando esperava as tropas demoniacas,  
A legenda do Dante, sobre a Porta,  
Apagada das chamas e do fumo:  
Era impossivel quasi decifrá-la!

E a *Serpente*, de novo, interrompendo-o:

«Eu quero vêr-te alegre. Não vem longe  
O dia em que terás de pelejar,  
Corpo a corpo, no espaço, contra Deus!

«Fôste vencido já na guerra antiga;  
Sê vencedor agora!»

Os animaes errantes pela Selva,  
Ouvindo os duros passos de *Satan*  
Timidos, ocultavam-se na sombra...  
E as *almas* infantis dos passarinhos  
Esvoaçavam afflictas e confusas,  
Em vôos desordenados... Eram *mêdos*  
Abrindo as asas trémulas...

E para além das árvores imoveis  
E geladas de pánico,  
E projectando sombras de terror  
No chão avermelhado;  
Através de seus ramos hirtos, viam-se  
Os grandes, igneos Lagos fumarentos,  
Onde as *Almas* queimadas mergulhavam,  
Emergindo depois, com dolorosos  
Gestos inconcebiveis!

E os gritos de afflicção  
Cortavam o soturno céu plutonico,  
Como as asas de pássaros a arder.

## XIX

Mas deixêmos o Inferno e a sua Treva;  
Subamos um instante ao claro Olimpo.

A região dos Deuses principia  
No longinquo lugar, onde o Universo  
Se acende em vivo Espirito amoroso.

N'este lugar remoto, escuro Ocaso  
Dos Corpos, principia o Céu feliz...  
E d'ali se prolonga no Infinito,  
Cada vez mais etéreo e transcendente  
E bemaventurado...

As estrelas mais altas, para os olhos  
Dos Anjos e dos Deuses,  
Longinquamente brilham em funduras  
De sombra e de silencio.

O divino Palacio de Jéovah  
É todo alevantado em beatitude,  
Extase, amor e graça... Vêde o marmore  
Das construções celestes!

E em volta do Palacio, velhos Parques  
Seu divino silencio rumorejam...  
E têm estatuas de Anjos entre as arvores,  
E nas margens dos lagos e das fontes  
Que deitam ondas limpidas de luz.

E junto d'um cipreste secular,  
Vê-se uma estatua mistica e velada  
Do Christo na Agonia... Nem os Anjos  
Se aproximam d'ali, nos seus passeios;  
Passam, ao longe, olhando com as lagrimas  
Aquele sitio triste e luctuoso...

Até no proprio Reino da Alegria,  
Da Bemaventurança sempiterna  
Fez o seu ninho, olhae, a eterna Dôr!

Mas, para além dos Parques verdejantes,  
Sob um Azul sem nuvens, se prolonga  
A Paisagem edenica do Céu.

Eis o Reino da Luz, de transparentes,  
Azuladas planicies povoadas  
De rebanhos que os belos Serafins  
Apascentam e guardam com seu branco  
E dôce gesto de asa...

Amorosas florestas, onde raros  
Espiritos perfeitos  
Vivem, n'um sonho amigo, a Eternidade,  
Surgem aqui, além, como visões  
Da Côr que não se apaga, da Verdura  
Perpetuamente verde.

E estendem os seus ramos, onde vôam  
As Aves e os seus Cantos; e mergulham  
As animicas, sôfregas raizes  
N'aquele solo azul e cristalino,  
Que tem vestigios palidos de terra:  
Vagas recordações do antigo Cáhos,  
O negro irmão da Noite...

Eis os Campos Elysios! As Espérides!  
O Jardim das Delicias! tudo quanto  
O homem sonhou de belo e venturoso,

Feito em viço de flôres, e marulhos  
E frescuras de fontes, e sorrisos  
De sol, abrindo sulcos de alegria  
Na penumbra que chove das folhagens!

Mas, apesar de tudo, o claro Céu,  
Depois da queda tragica dos Anjos  
E depois do Peccado Original  
É um êrmo, embora amavel, o que mais  
O separa do Inferno povoado,  
Profundo e doloroso.

E esta olimpica, etérea solidão  
Aflige o velho Deus que, sendo Pae,  
A ingratição dos filhos esquecêra.

Por isso, nós o vêmos, quasi sempre,  
Melancolico e triste, nos seus vastos,  
Venturosos jardins paradisiacos.

As celestes orquestras deslumbrantes  
Mal o despertam já  
Da tristêsa em que vive e das saudades  
Dos Sêres e das Cousas que criou...

Nos seus longos passeios através  
As campinas etéreas,  
Os Anjos acompanham-no, cantando  
E bailando os olimpicos bailados,  
Com toda a sua angelica alegria;  
Mas vê-se bem que Deus se não encontra  
Ali, no meio d'eles;  
Vê-se que seu divino pensamento  
Anda por lá, saudoso e vagabundo;  
Pelo remoto Inferno e pela Terra  
Longinqua e pequenina.

E assim fica a scismar... E scisma... e scisma...  
Esta vida monotona consome-o...

E as rugas mais as brancas companheiras,  
Com insistencia peccadôra, heretica,  
Vão-lhe cavando a face e prateando  
Sua fronte que lembra um outro templo  
D'um outro Deus ainda maior do que ele...  
Ora isto sobressalta  
Os Anjos, Serafins, as Divindades  
Que cercam de cuidados e carinhos  
O poderoso Deus que n'um só gesto,  
Semeára de estrelas o Infinito;  
O grande Jéovah que, em certa noite  
Delirante e febril, do velho Cáhos,  
Sonhára o *sonho-homem*... Belo sonho,  
Mas que, por ser um sonho, se perdeu...

Orfeu, de maguado, nem sequer  
Tange sua lira de oiro que repousa,  
Cansada de encantar os arvoredos,  
Como que n'um sepulcro de silencio...  
Apolo é a propria Noite; e os Cherubins  
Pendem as asas brancas marejadas  
De sombras e tristêsas...  
E então, seu filho amado, Jesus Christo,  
Dir-se-á que se converte, dia a dia,  
Na mesma negra cruz em que morreu...  
E que seus pés encontram, nas floridas  
E olimpicas planicies,  
O chão fragoso e ingrato do Calvario!  
Quando aparece agora aos seus Apóstolos,  
Já lhes não fala, não, como falava,  
D'esses primeiros tempos da Judeia,  
D'esses dias estranhos em que a luz  
Do sol era evangelica e divina;  
E de quando ele entrára na Cidade,  
Entre hossanas! montando um jumentinho  
Que trilhou através das longas ruas  
Negras de gente anciosa e esperançada,  
Com luminosas patas, verdes palmas!

Lembra um Christo somnambulo,  
Um Jesus do Silencio, vagueando  
Nas solidões do Olimpo.

Eis a vida celeste;  
Vida a que falta sempre qualquer cousa;  
Vida divina, sim, mas que perdeu  
A sua resistencia contra a Morte.

Ali, nas regiões celestiaes,  
Outrora povoadas  
Pelas Almas felizes, pelos Anjos  
Hoje no exilio, mortos ou perdidos;  
N'essa perfeita e mistica Paisagem  
Harmoniosa de vozes e canções,  
De risos e de musicas,  
Erram vagos Espectros, alvas sombras  
De Asas que enegreceram;  
Phantasmas virginaes de Creaturas  
Que o crime enoduou...

E' no meio de Espectros que passeia  
E vive Jéovah abstracto e triste,  
Como que cego e surdo á luz do Olimpo  
E aos canticos e ás musicas dos Anjos.  
E quantas vezes, quantas!  
Em seus olhos ha lagrimas divinas,  
Onde fluctuam mortas, desbotadas,  
As imagens das cousas que morreram...  
Seus olhos marejados e profundos  
Fazem lembrar sepulcros cheios de agua.

E essas êrmas imagens reflectidas  
No lugubre scenario do seu choro,  
Representam-lhe ao vivo, os mais estranhos  
Momentos do Passado:  
—O dia em que surgiu, com outro nome,  
Do marmore aquecido e palpitante,  
Sob o escôpro de Phidias;

—Esse dia de nuvens e relampagos  
Quando a Moysés falou nos igneos cumes  
Brumosos do Sinai!

—E esses dias de sol em que mostrava  
O divino clarão do seu perfil  
Aos deslumbrados olhos dos Profetas!  
—E sobre tudo o instante inolvidavel,  
Em que tomou nas mãos o barro inerte;  
E moldou, delirando, acêso em fébre,  
A misteriosa e estranha Forma Humana  
Que era, afinal, a forma do seu sonho,  
Do Sonhador, portanto.

—Todo esse antigo tempo da sua vida  
Primaveril e viva, quando a leiva  
Humana inda era fresca e fumegante  
Do arado ainda recente;  
E ébria de intimas seivas virginaes,  
Á sua superficie ondeante e verde,  
Rumorosa, ondulava uma infinita,  
Loira Seára de Deuses!

E Deus via depois a Alma Humana  
Transformada n'um árido deserto,  
Mas incubando novas energias...  
Via que ela, por fim, se preparava  
Para crear, fecunda, o novo Fructo  
Divino e redentor.

Mas igualmente via com tristêsa  
As rugas já mais fundas do seu rôsto  
E as brancas do cabelo numerosas...

Via-se, emfim, uma arvore caduca  
Em remoçada terra.

Ora, uma vez, quando ele, pelo Céu,  
Suas maguas andava distraíndo,  
Encontrou, de improviso, uma Figura

Formosa e adolescente,  
De brandas formas prestes a atingirem  
A máscula expressão...

Lembrava uma Donzela dominando  
Sua infantil fraquêsa feminina;  
E sobre ela erigindo a bela fronte  
Humana e visionaria.

Jéovah ficou surprêso,  
Ao vêr interromper-se d'esta forma  
Sua celeste e azul melancolia.

E ancioso perguntou-lhe: «Quem és tu?  
É pela vez primeira que vos vejo  
Na etérea solidão dos meus dominios!»

E aquele Vulto airoso pondo os olhos  
No chão azul e transparente, disse:

«Eu sou o Deus Infante  
Que vem dar têrmo, emfim, ao teu Reinado!»

E o velho Jéovah, sem o menor  
Despeito e sem melindres,  
Beijou-o, abençoou-o, e respondeu-lhe:

«Os homens resuscitam, e eu definho...  
A terra nova quer a nova planta!»

E a Creança beijou-lhe com respeito  
A mão velhinha e magra:

«Eu sou o Deus Infante;  
Desejo um novo Mundo e um novo Homem!»

E ouvindo estas palavras, Jéovah  
Lembrou-se, de repente,  
Da sua antiga cólera divina

Feita Diluvio, Mar!  
E viu, n'um turbilhão  
Confuso da memoria, esse terrível  
Espectaculo tragico das aguas  
Avançando, subindo, devorando  
As multidões cahoticas dos Povos,  
Já nos mais altos cumes apinhadas,  
Recordando, de longe, os proprios montes  
Convertidos em gritos e alvoroços!

E palido e tremendo, perguntou-lhe:

«Pensas n'outro Diluvio, por acaso?  
Desejas destruir o velho mundo,  
A Obra d'estas mãos que tu beijaste?»

E Jéovah maguado, abandonou,  
N'um gesto de divina indiferença,  
Seus ultimos, já debeis sentimentos  
De Deus e de Senhor.

Mas ainda lhe disse, ao retirar-se:

«Vaes construir, ouviste, a nova Terra  
Com os restos da minha Creação...

«Tu mesmo viverás da minha morte...»

E o velho Deus, saudoso, recolheu-se  
Ao esplendôr crepuscular e triste  
Do seu grande Palacio... E o Deus Infante  
Ficou, a sós, no meio da campina  
Olimpica, celeste e conquistada.

## XX

*Adão e Eva* dormiam na Caverna,  
Deitados sobre os ultimos vestigios  
Da Arca e do Diluvio...

Horas mortas da noite, pelos montes,  
Rondavam como estranhas sentinelas  
Do silencio profundo que reinava...

A solidão mais êrma arrefecia  
Os aspectos delidos da Paisagem  
Feita de sômno e morte...

Um zéfiro de mêdo, fria brisa  
De agouro e de terror;  
Respiração mortal da propria noite  
Embaciava os astros...

Mas *Eva*, de repente, despertada,  
Toda n'um alvorôço, assim gritou:

«Levanta-te! Não ouves? Um Signal!»

*Adão* estremunhando, simplesmente  
Rosnou palavras vagas, sem sentido,  
Vindas d'além do sômno, essa Distancia...

E *Eva* medrosa e pálida: «Não ouves?  
Levanta-te! Um Signal! O Fim de Tudo!»

— «O Principio de Tudo!» disse o Amante,  
Erguendo-se n'um salto.

E na verdade, um cavernoso Som,  
E agudo e em linha recta,  
Como se terminasse em flexa viva  
De viva luz seu corpo tenebroso,  
Principiava a encher os altos céus,  
A terra e o mar profundo!

E dentro em pouco tempo, Adão e Eva  
Deixaram a caverna já fendida  
Por esse estranho som de terramoto.

E ficaram, cá fóra, sobre a terra,  
Plantados como rochas, redusidos  
A mêdo, espanto, assombro e nadá mais.

Já d'uma nuvem negra e lampejante  
Feita de etéreo bronze e de relampagos,  
Saía a extremidade longa e rubra  
E viva da Trombeta.

Através d'essa nuvem descobriam-se,  
N'um esplendor terrível e divino,  
As asas do Anjo imenso que a tocava.

O som era tão alto e tão agudo  
Que fazia oscilar a luz dos astros;  
E trespassando a abobada do Inferno,  
O abalava em seus proprios fundamentos.

E sobre a terra, branca de terror,  
As cousas transformavam-se, mudando  
Sua face remota e secular.

Uma Sombra phantastica e envolvente,  
Desgrenhada, corria pelos montes,  
Pelas ondas do mar, pelos desertos,

Transfigurando tudo...  
Dir-se-ia o velho Espirito do mundo,  
Adormecido, inerte, desde a Origem,  
De subito, acordado!

E no seio da Sombra caminhante,  
A Forma Consagrada, a Côr Eleita,  
Quasi instantaneamente, se perdiam  
Perante a Nova Forma e a Nova Côr.

E as Arvores e as Pedras caminhavam,  
Sem destino, tomadas da primeira  
Embriaguês de vida e liberdade.

E os Animaes falavam como a gente...

E as Nuvens deslisavam nas planicies,  
E no meio de gestos e de vozes...

E tudo o que ha de vago e de invisivel;  
Todas as cousas tristes e apagadas,  
Tomavam clara forma, alto relevo:  
Eram Fisionomias palpitantes  
De vida, cheias de alma, na penumbra.

E as Almas diluidas e dispersas,  
Verbos por encarnar, desde o Principio,  
Encontravam, enfim, o Corpo noivo,  
A Forma nupcial...

E a tragica Trombeta despenhava  
Niagáras de rútila harmonia,  
Nas entranhas do mundo, alvorecendo  
Em novos esplendôres.

Ah, dir-se-ia que tudo quanto existe,  
Dentro do bronzeo peito da Trombeta,  
Se ia descondensando, por milagre,  
N'aquelle som terrivel e divino

Que resuscita os Mortos, animando,  
Pela primeira vez, todas as cousas  
Que fôram sempre mortas.

Era a grande victoria da Harmonia  
Elevada ás suprêmas altitudes,  
Onde se torna em fogo e luz de espirito!

Já toda a face cósmica da Terra  
Está rasgada, aberta em largas fendas,  
D'onde saem, de novo, para a Vida  
As multidões ceifadas pela Morte!

E a terra faz lembrar um ventre enorme,  
Doloroso, parindo ao mesmo tempo,  
Milhares e milhares de Creaturas.

E d'entre as ondas gélicas, imoveis,  
Sob o grito profundo da Trombeta,  
Erguem tambem o busto reanimado  
Os Povos devorados pelo Mar.

E dos corpos lhes fogem essas formas  
Crueis e contorcidas pelas garras  
Ferozes da agonia!

E, tremulos de pánico e alvoroço,  
Em desordem, caminham sobre as aguas  
Que têm vozes de espanto e olhos abertos.

E ha palavras, abraços, e delirios!  
Labios resuscitados que se beijam!  
Almas, cheias de amor, que se perderam  
E ao resurgir se encontram, face a face!

E ha Mães levando ao colo as suas filhas,  
A quem deram, na lucta com a Morte,  
O ultimo desvairado pensamento,  
E agora, olhae! o seu primeiro beijo!

Mal ouvem a Trombeta; mal percebem  
O que se passa em volta; seus ouvidos  
Seus olhos simplesmente reviveram  
Para os filhos que levam nos seus braços...

Irmãos, Irmãs e Noivos, avistando-se  
Depois de muitos seculos de treva,  
De infinito silencio...

E as Saudades profundas, sobre as quaes  
Tantas palpebras mortas se fecharam  
Ei-las abrindo a tampa do sepulcro,  
E erguendo á luz, seus Vultos de alegria!

E ha Phenicios e Gregos e Lusiadas  
Confusa, tórvamente misturados,  
Com os ultimos Povos; e contemplam-se,  
Surprêsos, através de dois mil annos!

E do fundo do mar sóbem os Naufragos;  
E um grande temporal de vida humana,  
Dir-se-á que paira sobre as ondas vivas!  
As nuvens são os Corpos em tumulto;  
Os ventos são as Vozes; e os relampagos  
Os Olhares e os Risos que se cruzam!

O velho Oceano vive e restitue  
As vidas que tragou.

E correm para as bandas d'onde vem  
Aquele Som terrivel e divino!

E dos Vales, dos Montes, das Cidades,  
Homens, mulheres, creanças,  
Em multidões ruidosas e ligeiras,  
Sacudindo do corpo a fria terra,  
(Os ultimos vestigios do que fôram)  
Seguem o mesmo rumo da Harmonia.

E os relampagos de oiro, incendiando  
A escuridão celeste, de repente,  
Desenham com violencia, em negra côr,  
Aos pés de cada viva Creatura  
Sua Sombra tambem resuscitada.

E vão em ondas vivas que se quebram  
Em espumas de vozes e sussurros...  
Lembram rios correndo para o mar...

Ah! vêde, olhae os Mortos reanimados!  
E a irreal e chimerica expressão  
Dos seus olhos estranhos, reduzidos  
A fria cinza e pó durante os seculos,  
E agora contemplando, por milagre,  
Ébrios de nova luz, o Céu e a Terra!

Ah! como tudo, tudo!  
Desde a imagem da Morte que os fechou,  
Desde a cinza que fôram, desde as cousas  
Que eles viram talvez n'um outro mundo,  
Ao misterio da lagrima final  
E á surprêsa divina do primeiro  
Acordar para a luz e para a vida!  
— Ah! como tudo, tudo transparece  
Nas pupilas abertas, e formando  
A sua propria luz visionaria!

E a odisseia das Almas acordadas  
Que por elles espreitam, n'um espanto?  
Qual será sua nova consciencia?  
E que novo sentido encontrarão  
Nas Cousas e nos Sêres?

Lá no profundo Inferno tambem vae  
Um imenso alvorôço! Foi ali  
Que penetrou primeiro o Som terrivel!

E logo, de repente, as pobres Almas,

Escapando-se ás chamas diabolicas,  
Voaram para o mundo, a procurar  
Os seus antigos *Corpos*...

E obedeciam n'isto ao seu destino...

Para quantas, o corpo fôra um êrmo  
E lugubre desterro... frio leito  
Aspérrimo de pedra,  
No qual se não consegue adormecer!

E como um raio cáe a nossos pés,  
Caiu na frente negra de Satan  
O grito agudo e fundo da Trombeta!

E ei-lo que assiste gélido, impassível,  
Áquele desvairado e alvoroçado,  
Vertiginoso despovoar do Inferno!

A Cobra que lhe cinge a larga frente,  
Deixa pender a ponta da sua cauda  
Desfalecida e triste.  
Vê-se-lhe a lingua em fléxa, nos seus labios,  
Mortal, coberta de luctuosa cinza  
De velhas ironias apagadas.

O silencio bemdito e a solidão  
Bem dita, sombras pálidas, descêram  
Ás regiões da Febre e do Tumulto...

E a plutonica Cruz de rubros Lagos  
É a negra Cruz do Ermo, a Cruz de Christo,  
Horas depois da lugubre Descida  
Do divino Cadaver.

*Adão* e a sua *Eva*, ainda se encontram  
Na serra do Thabor, já mais afeitos  
Ao tragico Espectaculo.

E enquanto o som fecundo da Trombeta  
Se derrama e divide no Infinito,  
Em raios e coriscos de harmonia,  
Dos sepulcros fendidos se alevantam  
Os Mortos que resurgem no vigôr  
E no frescôr e no esplendôr da vida!

Aqueles que morreram na velhice,  
Firmam-se agora, novos, sobre a terra  
Toda alagada dos suores do parto.

E as tenras Creancinhas resurgidas,  
Que se perdem na tôrva multidão,  
N'uma voz alta, chamam pelos Paes,  
Correndo sem destino. E nos seus olhos  
Levam a propria imagem do Prodigio!

E, quando surpreendidas, acordaram  
No seu gélido berço sepulcral,  
Logo disseram, trémulas de mêdo:  
—Mamã!— E as Mães tirando do seu rosto  
Os humidos lençoes de terra escura,  
Responderam-lhes logo:—Minha Filha!

E com os filhos pálidos ao peito,  
Sáem as Mães dos tumulos abertos.

E brancas de terror, depois caminham  
Atraz de seus Esposos...

E as pobresinhas Noivas falecidas  
Durante o seu noivado,  
Aureoladas de beijos e canções,  
Vão através da sombra que recorda,  
Em volta de seus corpos madrugantes,  
Livido, negro crepe mortuario  
Salpicado de rosas.

E as Aves carniceiras

E os meigos Passarinhos infantís,  
Em dôce companhia, vão seguindo,  
Pelo ar, o mesmo rumo.

E em verde companhia vão as Arvores;  
E os seus ramos agitam-se, falando  
E semeando flôres.

E vão os negros Démos já libertos  
Do Tartaro profundo. E vão as Nuvens  
Espalhando a semente do seu chôro,  
Que floresce, na terra, em fontes de agua...

Vão as Pedras e os Bichos, tudo quanto  
Venceu, emfim, a Morte.

E os Poetas que sentiram invadir-lhes  
A inspirada garganta, a mesma onda  
Que afogou a Canção da eterna Ofelia;  
E os Doidos e os Lunaticos;  
E os que entendem além do entendimento;  
E os duros Egoistas que interpoem,  
Entre eles e o Universo, a sua sombra  
Opaca, impenetravel;  
E os êrmos Criminosos,  
Almas que não são almas propriamente,  
Mas vestígios, fragmentos de almas mortas  
Que jamais se fundiram n'uma nova,  
Integra Forma viva;  
Os Guerreiros, os Pobres, os Amantes,  
Os Fortes e os Humildes, toda a imensa  
E rediviva Turba  
Vae através da noite e dos relampagos,  
No terror abysmatico das Trevas,  
Em direção do Val de Josaphat.

E os Escravos, os Pobres e os Famintos,  
Os Incompreendidos e os que amaram  
E fôram odiados, — tão afeitos

Á dôr e ao soffrimento,  
Encaram o terrivel Espectaculo  
Serenamente e quasi que sorrindo.

O Escravo, ao acordar,  
Não encontrou no tumulo a Grilhêta,  
Nem o Faminto achou a sua Fome!

E os Incompreendidos e os Amantes  
Abrem os olhos cheios de esperança  
No amor, no amor! na comprehensão de tudo!

E outros sepulcros se abrem com fragôr,  
E novos Corpos surgem; e alguns d'eles  
Mal convertidos inda em Carne viva,  
Com mãos de terra e manchas mineraes...

E aparecem no mundo, olhando em volta,  
E palidos, tremendo, sem saber...  
Emquanto ao pé das covas ainda pairam  
Os Phantasmas noturnos que eles fôram...  
E a sua consciencia, vaga e incerta,  
Mal acordada ainda, hesita ainda  
Entre o Corpo de agora reanimado  
E o Phantasma de ha pouco amortecido.

E os Corpos aparecem na penumbra  
Sulcada de relampagos de som...

E as Lapides, os Tumulos e os Templos,  
Resurgidos tambem da pedra morta,  
Erguem na sombra os Vultos rumorosos...

E as Imagens dos Santos, nos altares,  
Resuscitam dos marmores antigos  
E dos velhos marfins, em que o Escultor,  
Sonhando, as esculpiu...

E toda a Obra de Arte se converte

No Sêr vivo que o Artista imaginou...

Os grandes cemiterios,  
Com êrmas avenidas, onde apenas  
Divagavam a lua, o outômno, as sombras...  
Fazem lembrar agora as populosas  
E ruidosas Cidades.

Os brancos Monumentos funerarios  
E as Covas mais de terra, trasbordantes  
De vozes e rumôres, são Palacios,  
Choupanas habitadas;  
São Lares que fumegam, porque o fumo,  
Subindo, claro, acima d'uma casa,  
É presença de amor, signal de vida.

E as *mortas Alvoradas*, já no céu,  
Voltam á sua luz de virgindade,  
Ao seu botão de rosa amanhecete...

Vêm com elas as *mortas Cotovias*,  
Ás quaes o som divino da Trombeta  
Restituirá a asa, o canto, a vida!

Voltam as *velhas Flôres*,  
Trazendo nova Côr e novo Aroma;  
E, nos tenrinhos calices doirados  
O resurgido Mel... E Abêlhas de oiro  
Vão tecendo, no ar, em tórno d'elas,  
Sêdas de asas e rendas de zumbidos.

Voltam as *velhas Fontes* que secaram,  
No meio de Marulhos e Murmúrios  
E Frescuras, abrindo as suas pétalas  
Invisiveis de sombra...

Voltam as *velhas Nuvens*; e a gelada,  
Morta cinza que fôram, tem agora  
A transparente densidade verde

Da agua fecunda e viva.

E vêm as *velhas Noites de Luar*;  
E os *velhos Rouxinoes* que, á sua luz,  
Deram a vida em sacrificio ao canto!

E as *mortas Esperanças* resuscitam  
E as *mortas Alegrias* e os *Amôres!*

E a multidão é cada vez mais densa  
E ruidosa no Val' de Josaphat.

Ali chegam, em ondas de diluvio,  
Os clamorosos Povos redivivos,  
E os que fôram em vida deslumbrados  
Pelo grito divino da Trombeta!

Chegam em grossas ondas marulhantes,  
Chocando-se violentas, apesar  
Da vastidão do mundo...  
E sussurram palavras que não dizem,  
E gesticulam como ao vento as arvores!

E no meio dos homens, se descobrem  
Leões e Lobos, Tigres e Panteras,  
Agora humanizados pelo estranho,  
Chimerico Milagre, e mais ainda,  
Como Signal dos Tempos.

E o Archanjo da Saudade, meio envolto  
Na nuvem lampejante,  
Toca, sem descansar, e n'um delirio,  
A magica Trombeta.

E as suas grandes asas luminosas,  
Eguaes a dois relampagos abertos,  
N'um infinito vôo cristalisado,  
Pairam no ar escuro, apocaliptico,  
No espaço enegrecido pelos fumos

Que libertos e soltos, como os ventos,  
Subiram dos abysmos infernaes.

E pairam sobre os tumulos partidos  
E as tôrvas, redivivas Multidões...

E emquanto os Homens, Creanças e Mulheres,  
Os proprios Animaes, as proprias Arvores,  
Se amontôam no Val' de Josaphat,  
Esse Banco phantastico de Reus,  
*Adão e Eva* assistem a outro Drama...

Ao lado do Anjo que vencia a Morte  
Trespessando-lhe o peito com as sétas  
Da Harmonia terrivel e sagrada,  
Que abre fontes de vida sempiterna  
Nas estrêlas, nos flancos dos rochedos,  
Nas soturnas abóbadas plutonicas,  
E nos cadaveres hirtos ou desfeitos;  
—Ao lado do Anjo que vencia a Morte  
Viam-se dois Gigantes batalhando.

Era o primeiro um Vulto adolescente,  
Hercules juvenil de claro olhar.

Emquanto manejava a sua lança  
Forjada em sol radiante, o seu cabêlo,  
Solto no ar, formava-lhe uma aureola  
Em tórno do seu busto ameaçadôr.

Era o segundo um negro e grande Vulto,  
De grandes, negras asas distendidas  
Que o ajudavam nos impetos guerreiros.  
Com as garras aduncas segurava  
Uma espada phantastica de treva,  
Retorcendo-se viva e furiosa!

E uma Cobra, cingindo a sua fronte,  
Manejava tambem contra o inimigo

A lingua venenosa em flexa aguda.

Tinha *Satan* nos olhos duas brasas,  
Tal a raiva infernal que o consumia!

Ao passo que nos labios do Gigante  
Luminoso, a florava o riso heroico,  
O riso dos que esperam a victoria.

Era um duelo estranho entre o Sorriso  
Divino e a escura Lagrima satânica.

E os dois Gigantes, tragicos, luctavam  
Encarniçadamente, disputando  
Palmo a palmo, o terreno apeteçido.  
E lançadas de luz e espadagadas  
De sombra, se crusavam furibundas  
N'aquelle negro Céu de apocalipse!

Agora avança o livido Gigante;  
E dir-se-á que a Trombeta desfalece,  
E que a Resurreição, tremendo, hesita  
E bruxuleia, como ao vento, as luzes!

Mas logo, n'uma heroica arremetida,  
O juvenil Gigante luminoso  
Faz o Gigante negro recuar!

E a Trombeta é chimerico diluvio  
De som; e as sepulturas se entreabrem,  
E os derradeiros Mortos resuscitam.

Vêde a Harmonia eterna, redentôra,  
Varrendo a Sombra, o Sômnio, a Morte escura!

E continua a lucta tão acêsa,  
Como o sol no Zenith!

O Povo, sobre a terra, volve os olhos